



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

LARISSA CORDEIRO DE QUEIROZ NUNES

**EXPERIÊNCIA EDUCATIVA APURADA JUNTO A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE
SANTA MARIA/DF: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE
ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR**

BRASÍLIA - DF

2014

LARISSA CORDEIRO DE QUEIROZ NUNES

**EXPERIÊNCIA EDUCATIVA APURADA JUNTO A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE
SANTA MARIA/DF: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE
ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Sônia Marise Salles Carvalho, como Requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

BRASÍLIA - DF

2014

LARISSA CORDEIRO DE QUEIROZ NUNES

**EXPERIÊNCIA EDUCATIVA APURADA JUNTO A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE
SANTA MARIA/DF: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE
ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Sônia Marise Salles Carvalho, como Requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professora Doutora Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Mestra Liliane Silva Ferreira dos Santos (examinadora)

Universidade de Brasília

Professor Doutor Paulo Sérgio de Andrade Bareicha (examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

HOMENAGEM

A minha família, em especial minha mãe, por todos os momentos de amor, felicidades que me proporcionam. Homenageio também todos aqueles que fazem parte da minha vida, que estão sempre mantendo contato e acreditam em minha futura profissão. E por fim todos aqueles que lutam por uma sociedade mais justa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me proporcionou a vida, e que nela deu motivos para eu ser feliz.

À minha mãe, pela dedicação e amor que sempre me proporcionou, contribuindo para meu crescimento pessoal.

Aos meus irmãos pelo carinho, e ajuda em momentos mais difíceis, e por me proporcionarem muitos momentos de alegria.

Ao meu namorado, que sempre mostrou companheirismo e afeição, me ajudando a alcançar meus objetivos.

Às minhas amigas, em especial, àquelas com as quais pude interagir no ambiente acadêmico, por havermos abraçado o ideal comum.

Ao meu chefe, pela compreensão em momentos de ausência e por conselhos, os quais me foram dados como estímulo ao desenvolvimento do presente trabalho.

À minha orientadora, pela dedicação, respeito e paciência para a composição de meu conhecimento.

Aos docentes que passaram por minha vida e me marcaram positivamente, fazendo-me acreditar em um modelo de educação nacional.

A todos teóricos, que contribuíram para minha formação.

A todos que acreditam, assim como eu, em que a alteração no atual modelo educacional nacional, trará como consequência, benefícios extensíveis a toda população e ao país como um todo, permitindo assim, a existência de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dizer-se comprometido com a libertação e não ser capaz de comungar com o povo, a quem continua considerando absolutamente ignorante, é um doloroso equívoco.

(Paulo Freire, 1987).

RESUMO

O presente trabalho busca uma aproximação entre os conceitos de Economia Solidária e Educação Popular na sociedade capitalista. Reunidas, as concepções retro mencionadas, apontam sugestões de novas formas de organização na sociedade que relacione o povo, a educação e a economia, com a busca da autonomia ligada a solidariedade, permitindo um considerável avanço no ensino e diminuição da desigualdade social. Para isto, foram descritas experiências educativas desenvolvidas ao longo da formação pedagógica do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, realizadas no projeto III fase I e projeto IV fase II. A proposta é evidenciar a constituição de um sujeito solidário na comunidade, que saiba lidar com as adversidades da vida. A experiência com a educação popular garantiu uma das proposições do curso de Pedagogia, a construção de uma formação mais humanizadora.

Palavras chaves: Educação Popular, Economia Solidária e Solidariedade.

ABSTRACT

The current work seeks to connect the concepts of Solidarity Economy and Popular Education on the capitalist society. Together, the afore mentioned concepts, gives suggestions of new forms of organizations on society that relates the people, the education and the economy, seeking with autonomy linked to solidarity, allowing a considerable progress on teaching and reduction of social inequality. For that, was described educative experiences developed along the formation of the Pedagogy course of the 'Universidade de Brasília', during the work on project III phase I and project IV phase II. The proposition is to point the constitution of a solidary character on the community, that knows how to handle the adversities of life. The experience with Popular Education granted one of the propositions of the Pedagogy course, the construction of a more humanizing formation.

Key words: Popular Education, Solidarity Economy and Solidarity.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PARTE I: MEMORIAL	11
ANTERIORMENTE A ENTRADA NA UNIVERSIDADE	12
FASE DOS VESTIBULARES E MOTIVOS DA ESCOLHA DO CURSO	15
CONSTRUÇÃO ACADÊMICA.....	16
PARTE II: MONOGRAFIA	19
INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1	22
1.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO	22
1.2 A EDUCAÇÃO POPULAR E A ECONOMIA SOLIDÁRIA	32
CAPÍTULO 2	39
2.1 SANTA MARIA, SUA HISTÓRIA	39
2.2 ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA	40
2.3. PRÁTICA PEDAGÓGICA: PRIMEIRO MOMENTO - GRUPO RECICLAGEM... 41	
2.4 PRÁTICA PEDAGÓGICA: SEGUNDO MOMENTO - AULAS DE REFORÇO ... 50	
2.5 RESULTADOS OBTIDOS E ANÁLISE DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS..... 57	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
PARTE III: PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	62
BUSCAR UMA EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA QUE PREZE POR QUALIDADE	63
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	66
ANEXOS	68

APRESENTAÇÃO

Diante da economia capitalista na sociedade atual, surge uma nova forma de economia baseada em sua essência na solidariedade. A Economia Solidária – ES, a qual aliada a Educação Popular – EP, traz a possibilidade de mudança para a sociedade consumista. Visto que a mesma encontra-se presa ao individualismo constante, numa competição desenfreada, onde os que já nascem no topo, são os que mais têm oportunidade de crescimento, de outro lado, apresentam-se aqueles outros, nascidos desfavorecidos, os quais acabam por sua vez marginalizados pelo sistema.

Perante esta perspectiva, o trabalho de conclusão de curso, aqui presente, debate sobre as relações entre economia solidária e educação popular, como auxiliares em atividades, para o trabalho em comunidades. Neste sentido, aborda especificamente descrições de ações educativas realizadas na Associação Atlética de Santa Maria - AASM.

Na primeira parte do trabalho, consta memorial sócio-educativo, no qual apresento os marcos de lembranças educativas recolhidas. Primeiramente falando um pouco da história de meus pais e do início da minha trajetória escolar, e posteriormente destacando a formação até o ingresso na Universidade, evidenciando os momentos mais significativos da vivência no ambiente acadêmico, culminando com a escolha do tema tratado junto ao trabalho final de curso.

Já no que se refere à segunda parte do tema em análise, o primeiro tópico contextualiza a sociedade atual de economia, tratando do capitalismo, mas com destaque emprestado à ES, como um novo modelo a opor-se a este sistema excludente. Faz-se posteriormente, no mesmo capítulo, mas em outro tópico, apontamentos sobre a educação popular e, por último, as relações existentes entre a EP e a ES.

No capítulo 2, se apresentam as descrições de uma experiência educativa na Associação Atlética de Santa Maria, que ocorreram ao longo de dois semestres, relacionando as vivências aos conceitos de Economia Solidária e Educação Popular.

Da terceira parte do trabalho, constam perspectivas para o meu futuro profissional. Abordo minha busca por uma educação solidária e de qualidade.

PARTE I: MEMORIAL

MEMÓRIAS DE UM PERCUSO SÓCIO-EDUCATIVO

ANTERIORMENTE A ENTRADA NA UNIVERSIDADE

Antes de tudo falo de minha mãe, que considero ser minha primeira professora, ela ensinou-me muitos valores de vida, entre eles, o respeito, a bondade e a generosidade. Um exemplo de pessoa dedicada e amorosa, ela serve como inspiração para todas as minhas realizações. Busco refletir sobre suas lições de vida, como guias para pensar e repensar o modo em que relaciono-me com outras pessoas.

Antes de morar em Brasília, minha mãe morava na Bahia, em uma cidade do interior. Ela teve pouca oportunidade nos estudos, não chegou a concluir o ginásio, seu tempo era mais gasto em afazeres domésticos, do que em escolares. Meu pai nasceu no Ceará. Teve melhores condições para estudar, chegou a cursar nível superior, mas não concluiu. Eles se conheceram em Brasília, constituíram família, tendo quatro filhos. Fruto deste relacionamento, nasci em Brasília, no dia 18 de dezembro de 1990, meu nome é Larissa Cordeiro de Queiroz Nunes, tenho duas irmãs e um irmão.

Em relação a minha carreira acadêmica, foi desenvolvida em grande parte em instituições públicas e somente o ensino médio em rede privada. Foi ao longo deste percurso escolar que identifiquei-me com o curso de Pedagogia. Então começa minha história escolar, que direcionou a escolha do meu curso, e por através dele pude conhecer as concepções de Economia Solidária e Educação Popular.

Aos cinco anos de idade, iniciei minha vida acadêmica em uma escola localizada no Cruzeiro Velho, no DF. O percurso entre minha residência e a escola era cansativo, apesar disso, gostava muito de ir ao colégio, sempre contente, lá construía amizades. Lembro das colagens que a professora fazia, ensinando os nomes para as crianças. Neste momento tinha muita curiosidade de entender a leitura e a escrita, mas como já sabia escrever meu nome considerava isto uma grande conquista.

No jardim três estudei em uma escola localizada na Octogonal. Havia um parquinho no colégio, e também uma sala em que as crianças brincavam todas as

sextas-feiras, nela haviam brinquedos doados pelos próprios alunos do colégio. O que me marcou bastante nesta escola foram as músicas que os professores ensinavam, como a da cobra:

A Cobra

A cobra não tem pé, a cobra não tem mão

Como é que a cobra sobe no pezinho de limão?

Como é que a cobra sobe no pezinho de limão?

A cobra vai subindo, vai, vai, vai

Vai se enrolando, vai, vai, vai

A cobra não tem pé, a cobra não tem mão

Como é que a cobra desce do pezinho de limão?

Como é que a cobra desce do pezinho de limão?

A cobra vai descendo, vai, vai, vai

Vai desenrolando, vai, vai, vai

(Autor desconhecido)

No ano seguinte fui para primeira série do ensino fundamental. Mudei novamente de colégio, para uma escola mais perto da minha casa, foi quando iniciei a compreensão da leitura e escrita. Apresentei dificuldade de lidar com tanta novidade, neste momento, então minha mãe resolveu colocar-me para assistir aulas de reforço escolar, oferecidas pela escola, no contraturno da aula regular, foi com esse reforço que fui aprendendo a ler de verdade. Ainda não satisfeita com meu aprendizado, minha mãe retornou-me a escola em que estudei do jardim 3, Escola Classe 08 do Cruzeiro, acreditando ser uma escola de melhor qualidade.

Estudei na escola, citada por último no parágrafo anterior, por mais dois anos. Já na quarta série minha mãe matriculou-me em um colégio bem perto da minha casa, Escola Classe 04 do Cruzeiro. Nesta série fui aluna destaque, a professora

elogiava muito meu desempenho, dediquei-me aos estudos e gostei cada vez mais de ir para a escola, lembro este ano eu adorava decorar a tabuada, foi por esse motivo que acabei gostando muito de matemática, até antes de entrar no ensino médio.

Iniciei na Escola Classe 04 de Brasília, à quinta série, no ano de 2002, aos 11 anos de idade, e permaneci na escola até 2005. Esta escola marcou minha vida escolar, apesar de considerar uma instituição fraca no ensino, nela construí amizades e tive a oportunidade de conhecer professores maravilhosos que marcaram meus pensamentos na época.

Dentre os docentes que me identifiquei, foi a professora Sandra, que lecionava a disciplina de história, foi um prazer ter aula com ela na sétima e oitava série, foi um modelo de professora para mim, dedicada, competente, sempre comprometida com o ensino que estava passando para seus alunos. Ela buscava nos envolver com a matéria, com seminários, passando um olhar crítico em relação a história e fazendo refletir sobre a sociedade.

No ensino médio mudei novamente de escola, estudei no colégio Notre Dame, cursei todo o ensino médio lá. O ensino da instituição era mais rigoroso, do que os de escolas anteriores em que estudara, houve um maior comprometimento com os estudos, nesta época. Foram três anos muito difíceis de minha carreira escolar, comecei a odiar a disciplina de matemática. Nesta fase pensei em fazer vários cursos, como: Pedagogia, Psicologia, Nutrição e Serviço Social, gostava de diversos assuntos, principalmente daqueles que dizem respeito as áreas humanas. Foi um longo caminho até decidir qual rumo tomar.

O primeiro ano do ensino médio foi um momento de adaptação. Existiam diversos professores na escola, bem mais do que eu estava acostumada a ter. Nesta fase entrei em contato com a disciplina ensino religioso, achei interessante que apesar da escola, ser católica, o professor ensinava diferentes religiões, gostava muito do ensino, era tudo bem interessante, o que mais chamou-me a atenção foi o fato de existirem religiões que influenciavam completamente na vida das pessoas, em suas relações com as outras e também no meio profissional.

No ano de 2007 fiz o segundo ano do ensino médio, nesta época já encontrava-me adaptada a rotina do colégio. Neste momento comecei a perceber as diferenças entre os estudantes de escolas particulares e de públicas, nas instituições de ensino público, encontrei pessoas mais amigáveis, o grupo como um todo era mais social uns com os outros, o que não notei em escola particular, nesta achei as pessoas extremamente individualistas, era evidente a formação de sub grupos entre os alunos da sala, não havia nada de união entre todos da turma. Já encontrava-me submersa a esse mundo egoísta.

Em 2008 fiz o terceiro ano do ensino médio, o que destaco nesta época foi o fato que pensava a todo momento no vestibular, não sabia ao certo qual curso mais se aproximava a minha personalidade.

FASE DOS VESTIBULARES E MOTIVOS DA ESCOLHA DO CURSO

Os momentos em que prestei o vestibular para à Universidade de Brasília foram momentos bem cansativos da minha carreira escolar, foi um atrás do outro, até conseguir passar. O primeiro vestibular que fiz foi no meio do ano em que terminava o ensino médio, prestei para Psicologia, não fui aprovada, fiz outros vestibulares para este curso, e um para o curso Serviço Social, que por sinal quase passei. Procurei informar-me melhor sobre o curso e notei que não era ele que queria fazer.

Então decidi prestar vestibular para o curso de Pedagogia, estudei melhor o que o curso retratava e acabei por entender que ele era o melhor que se encaixaria em minha vida, os motivos de ter o escolhido parte do fato de lembrar de vários docentes que marcaram minha vida positivamente, que fizeram toda diferença, em minha trajetória de ensino.

Decidi cursar o curso de pedagogia em uma faculdade particular, por já ter prestado diferentes vestibulares na Universidade de Brasília, inclusive um de pedagogia e não ter conseguido êxito. Quando entrei na faculdade e já estava assistindo as aulas, uma amiga deu-me a notícia um tanto agradável, de que eu

havia passado no vestibular da UnB para o curso de Pedagogia, esse momento marcou muito minha história, fiquei bastante feliz e decidi então estudar na UnB.

CONSTRUÇÃO ACADÊMICA

Ao entrar no curso de Pedagogia, no ano de 2011, tive interesse em diversos temas trabalhados na universidade, dentre eles destaco a Educação Popular e a Economia Solidária, pois foram os conteúdos que deram base para a minha inserção na comunidade, desenvolvendo socialmente e academicamente. Para melhor falar de meu curso faz-se necessário uma breve explicação do que chamou minha atenção em cada semestre na universidade, até chegar à escolha do meu tema de monografia.

No primeiro semestre do curso de pedagogia, tive uma disciplina bem marcante para minha formação, foi a Oficina Vivencial, lecionada pelo professor Armando, pois transmitiu outro modo de dar aula, diferente do tradicional que ocorrem na maioria das escolas.

Outra disciplina bastante relevante na minha formação foi Antropologia e Educação, ofertada pelo professor José, nela pude perceber a necessidade de entender melhor nossa cultura e as dos outros e principalmente respeitar as diferenças existentes entre ambas.

Ainda neste semestre tive a oportunidade de estudar a disciplina Perspectiva do Desenvolvimento Humano, que deu início ao entendimento de alguns teóricos que fizeram estudos importantes para uma compreensão maior sobre as crianças e do ensino. Também houve as aulas de Projeto 1, que fizeram eu entender melhor a faculdade a qual acabara de entrar.

No segundo semestre o que me marcou foi à disciplina Organização da Educação Brasileira, por me dar base ao entendimento das leis que regem o curso de pedagogia, mostrando a constituição de 1988, a Lei de diretrizes e bases, entre outros assuntos importantes para entender os rumos que seguiram e vão seguindo na educação.

Neste semestre aprendi muito na disciplina O Educando com Necessidades Especiais, ela trouxe uma dimensão muito boa sobre a educação de pessoas que possuem alguma necessidade especial. Nela pude notar a necessidade do professor fazer para uma adaptação de recursos, materiais pedagógicos para melhor facilitar o desenvolvimento do potencial de seu educando.

Ainda nesse momento houve também a matéria Projeto 2, que teve o intuito de contar sobre os diferentes projetos de iniciação docente que existem na Faculdade de Educação, que unem a prática a teoria.

O que me marcou no terceiro semestre foi à disciplina Psicologia da educação, com os ensinamentos de Skinner, Freud, Piaget, Vygotsky, acabando por ampliar meu horizonte de entendimento e possibilidades, proporcionando uma maior compreensão dos comportamentos das crianças, que foi de grande relevância para pensar em um trabalho mais significativo em um ambiente escolar.

Também neste semestre conheci e comecei o projeto 3 fase 1, Economia Solidária e Educação, da Faculdade de Educação, lecionado pela professora Sônia Marise, onde tive a oportunidade de conhecer a Associação Atlética de Santa Maria e trabalhar junto a alunos da UnB oficinas de reciclagem junto a comunidade.

O que foi marcante no quarto semestre foi a disciplina Matemática 1, por ter proporcionado uma nova visão de lecionar esta matéria, com jogos, brincadeiras e associações, que podem torná-la uma construção divertida, não uma mera obrigação.

O quinto semestre foi um momento especial, pois fiz o projeto quatro fase 2, novamente em Santa Maria, na AASM, onde lecionei para duas meninas aulas de reforço, foi onde pude entender melhor o mundo das crianças. Refleti muito sobre a educação brasileira, sobre um modelo que não consegue integrar todos seus alunos em um ensino significativo.

Neste semestre, houve a matéria Avaliação Escolar, que fez ainda mais eu pensar na responsabilidade do professor. Ele deve ser cauteloso nas avaliações que aplica a seus alunos, buscar nelas uma reflexão verdadeira no aprendizado do educando.

No sexto semestre houve a disciplina Socionomia, Psicodrama e Educação, que possibilitou a oportunidade de entender melhor o comportamento das pessoas, e com estratégias de teatro psicodramático que pode ajudar em diferentes áreas de atuação de um professor.

Ainda referindo ao semestre anterior falo da disciplina Seminário sobre Trabalho Final de Curso, ela possibilitou a ampliação de meu leque de possibilidades de monografia. Como atividade avaliativa no fim deste semestre realizei um pré-projeto de trabalho de conclusão de curso, que mesmo não tendo os mesmo objetivos deste fez-se relevante.

No sétimo semestre foi construída minha monografia que agora nos capítulos seguintes apresento. A escolha desta partiu de muita reflexão de vivências pedagógicas desenvolvidas em uma comunidade, e a escolha dos temas que dão suporte a estas experiências foi pelo fato deles serem extremamente relacionados ao popular, ao povo.

PARTE II: MONOGRAFIA

**EXPERIÊNCIA EDUCATIVA APURADA JUNTO A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE
SANTA MARIA/DF: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE
ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR**

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca analisar o tema Economia Solidária - ES e Educação Popular - EP, relatando vivências que ocorreram junto à Associação Atlética de Santa Maria-DF. Os objetos de pesquisa são relevantes porque vivemos em uma sociedade capitalista que oprime os desfavorecidos pelo sistema econômico. A exclusão alija grande contingente de pessoas, prejudicando por consequência, uma educação de qualidade e por decorrência, a possibilidade de obtenção de um emprego digno. Estes, por sua vez, são elementos importantes no mundo atual para o desenvolvimento mais igualitário da sociedade.

A ES e a EP juntas podem refletir na formação de um povo solidário, o qual saiba lidar com os obstáculos presentes na vida. As referidas instituições encontram-se incorporadas na história da humanidade, erguem-se através da luta de movimentos excluídos da coletividade, na busca por oportunidade de um padrão de vida melhor. A falta de informação, conhecimento do mundo em que vivemos, acaba por fazer os marginalizados pelo sistema assumirem um papel de oprimidos perante a sociedade.

Assim o presente trabalho, possui o objetivo de descrever as vivências em uma comunidade, relacionando com duas concepções, uma de educação, a EP e outra de economia, a ES, em busca de uma tentativa de revisar a bibliografia sobre a Economia Solidária e a Educação Popular, para dar auxílio em futuras ações em comunidades, objetivando por último, verificar se os conceitos de ES e EP são relevantes para o trabalho solidário em comunidades.

A metodologia utilizada para a realização da monografia, no que diz respeito ao seu procedimento, está relacionada ao binômio: pesquisa-ação. Nesta modalidade de investigação o pesquisador procura atuar ativamente em determinada situação, “realidade observada”. Thiollent, em sua concepção sinaliza:

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida a pesquisa-ação exige uma

estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo. [...] (2007, p. 17, 18).

A partir da pesquisa-ação, buscou-se estabelecer o diálogo entre teoria e prática na formação pedagógica no curso de pedagogia, pretendendo desta forma, aumentar tanto o conhecimento da comunidade observada, como do pesquisador atuante na exploração.

A abordagem utilizada foi à qualitativa, tomando-se cuidado com as descrições das atividades realizadas na comunidade. A análise qualitativa neste estudo esteve voltada para a preocupação com o grupo social em questão, qual o seu desenvolvimento acerca das atividades propostas na associação. Assim para Oliveira (2007, p. 58):

[...] a abordagem qualitativa se preocupa com uma visão sistêmica do problema ou objeto de estudo. Tenta explicar a totalidade da realidade através do estudo da complexidade dos problemas sociopolíticos, econômicos, culturais, educacionais, e segundo determinadas peculiaridades de cada objeto de estudo.

Assim, foi a apreensão das questões relativas a associação em tela, de suas singularidades, que possibilitou um melhor entendimento sobre os pesquisados, e oportunizou uma maior percepção do outro, no caso, os participantes da AASM.

Com as referências apresentadas na monografia, Economia Solidária e Educação Popular, o trabalho buscou estabelecer uma relação entre os conteúdos estudados sobre os temas, com as ações desenvolvidas em uma associação, por meio de observações e de ações executadas na comunidade apresentada.

CAPÍTULO 1

REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A EDUCAÇÃO POPULAR

O capítulo tem a proposta de fazer apontamentos sobre as ligações que se fazem presentes entre a Educação Popular e a Economia Solidária, sendo esta última considerada uma nova alternativa de economia frente ao capitalismo dominante. Serão descritas as características da ES, formação de empreendimentos solidários como também o saber empírico como importante aliado para a educação, podendo ser trabalhados seus conceitos em comunidades e escolas.

Em início será apresentada a ES, para melhor situar o leitor no contexto mundial desta nova forma de economia, para posteriormente tratar-se sobre a EP, fazendo descrições a respeito desta última e ligações entre os dois conceitos, de administração e de ensino. Fala-se da educação popular propondo a sinalização da relação entre uma educação de cunho comunitário e uma economia de caráter popular.

1.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA E EDUCAÇÃO

O presente tópico destaca o tema da economia solidária, apresentando uma reflexão acerca desta forma de economia a qual pode contribuir para a educação, tanto dentro da escola, como fora desta.

O que é então Economia Solidária? Para responder a esta questão serão retomados alguns de seus conceitos, como guias, para entender as Conferências sobre ES, permitindo posteriormente uma maior reflexão a respeito do assunto ligado a educação. Portanto, segundo Singer:

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda. [...] (2002, p.10)

Assim sendo, a ES constitui-se em um grupo de ações econômicas, de distribuição, consumo, produção, crédito e poupança, que são montadas e postas em ação de modo solidário por operários tomando-se por base condições de trabalho de um grupo determinado, com seus próprios integrantes gerindo o empreendimento.

Em um projeto solidário encontram-se associados quatro princípios fundamentais para o desenvolvimento da economia solidária, sendo que estes são usados em conjunto para que haja o funcionamento pleno do negócio, havendo os preceitos retro mencionados de serem explicitados nos parágrafos que se seguem.

A ES apresenta características fundamentais para o seu desenvolvimento, sendo estas: autogestão, cooperação, dimensão econômica (viabilidade econômica) e solidariedade. As explicações a seguir foram construídas a partir de diversas vozes, assim como, produção de documentos sobre economia solidária no Brasil, (as plenárias, as conferências), dentre outros.

Por haver sido primeiramente mencionada, destaca-se que a autogestão preza por realizar ações participativas. Há nela a valorização do saber coletivo e igualdade de opinião e voto, sendo todos os envolvidos, donos do empreendimento, administrando-o.

Na sequência, frisa-se que a cooperação constitui-se em uma forma de atender as necessidades individuais no sentido de que atinjam os membros do projeto, interesses e objetivos comuns. Ocorre nela, a participação coletiva no trabalho e nas decisões tomadas em reuniões, no regime colaborativo, a partir do qual todos trabalham por objetivos em comum.

Na solidariedade, há o respeito às questões étnico-raciais e de gênero, existindo ainda, a responsabilidade coletiva de direitos e deveres e articulação com outros espaços de Economia Solidária.

A viabilidade econômica surgiu como um compromisso do desenvolvimento local, de forma sustentável e como decorrência do exercício do consumo solidário, mediante ao trabalho ético e com renda justa, partilhando também da iniciativa de empreendimentos em comum.

Para a construção da Economia Solidária é necessário o reconhecimento de valores, tais como: responsabilidade, igualdade, justiça social, autonomia, autogestão, solidariedade e democracia, apontando a direção dos empreendimentos solidários que surgem em meio das classes populares, tendo através da autogestão, um de seus desafios, no sentido de superar os impedimentos criados a partir das relações de trabalho em uma administração científica, das empresas capitalistas.

A economia solidária é antes de tudo um processo contínuo de aprendizado de como praticar a ajuda mútua, a solidariedade e a igualdade de direitos no âmbito dos empreendimentos e ao mesmo tempo fazer com que estes sejam capazes de melhorar a qualidade de seus produtos, as condições de trabalho, o nível de ganho dos sócios, a preservação e recuperação dos recursos naturais colocados a sua disposição. O aprendizado se entende naturalmente também à prática do comércio justo entre os empreendimentos e aos relacionamentos solidários com fornecedores e consumidores, sem esquecer as práticas de participação na política e na cultura do país, da região e do mundo. (GADOTTI, 2009, p.13).

Após a reflexão acima sugerida, haveremos de perquirir a respeito do sistema capitalista, que em seu presente estágio de evolução, tem formado um número altíssimo de necessitados, os quais passam por situações adversas, sendo que muitos destes encontram-se desempregados, por serem inclusive, analfabetos, que vivem em condições desumanas, com falta de saneamento básico, de moradia, além de serem vítimas da violência urbana oriunda da guerra do tráfico, dentre outras. Falta-lhes uma melhor perspectiva de futuro que possa ser vivido longe das mencionadas adversidades.

[...] O capitalismo é um modo de produção cujos princípios são o direito de propriedade individual aplicada ao capital e o direito à liberdade individual. A aplicação destes princípios divide a sociedade em duas classes básicas: a classe proprietária ou possuidora do capital e a classe que (por não dispor de capital) ganha a vida mediante a venda de sua força de trabalho à outra classe. O resultado natural é a competição e a desigualdade. (SINGER, ibidem).

Destarte o capitalismo, como descrito no parágrafo anterior atenua o individualismo, já que para tornar-se proprietário há a necessidade de capital que anteceda a iniciativa, sendo que como adquirir o numerário suficiente em uma

sociedade marcada pela desigualdade, na qual poucos têm acesso à moeda, construindo-se a controvérsia: Como ter liberdade individual, democracia sem possibilidades de crescimento, oprimido pelas desigualdades?

Em uma sociedade marcada por um capitalismo desenfreado, os indivíduos buscam lucro exagerado para si, desconsiderando o outro, rumo a um individualismo constante. Pode-se considerar a economia solidária como uma nova forma de configuração, de organização, que aliada à educação, conscientização do educando pode transformar a realidade de diversas pessoas marginalizadas pela sociedade globalizada capitalista.

A prática da economia solidária, no centro do capitalismo, nada tem de natural, exigindo dos indivíduos que participam desta, um comportamento social pautado pela solidariedade e não mais pela competição, destacando-se que, os sujeitos que transitam do capitalismo à Economia Solidária foram educados pela vida a reservar a solidariedade ao relacionamento com familiares, amigos, companheiros de luta.

O que identifica a ES é a tradição histórica de luta da classe trabalhadora por direitos, com base em uma cultura organizativa e associativa, nas experiências de trabalho coletivo e no reconhecimento da solidariedade como operadora democrática do sentido da ação social. (CARVALHO, 2008, p.225).

Segundo a autora acima mencionada, a economia solidária construiu-se a partir do esforço da camada social proletária reivindicando seus direitos. No Brasil começam a aparecer ideias mais consistentes ligando a solidariedade à economia, com a notícia da Revolução Francesa, propagando os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, ganhando estes mais evidência, no país no século XIX.

Para entender o processo mais recente de desenvolvimento da economia solidária no Brasil é importante analisar as transformações socioeconômicas ocorridas durante as décadas 1970-1990. [...] (ARROYO; SCHUCH, 2006, p.32).

Conforme o trecho acima, faz-se relevante o estudo das transformações ocorridas no país, em um passado próximo recente, para a construção da economia

solidária. Serão destacados fatos importantes ocorridos na sociedade brasileira, que a levaram a sua constituição atual.

Na década de 80 ocorrem mudanças intensas em países em desenvolvimento, sobrevivendo privatizações, investimentos estrangeiros e endividamento. A crise se sucede pela mudança do cenário mundial, diminuição da industrialização rumo à informatização, ao mundo globalizado, o qual acabara por extinguir cargos, antes existentes.

No Brasil evidenciou-se a diminuição de empregos e a aparição de outros cargos para homens mais qualificados, o que passara a atenuar as desigualdades existentes, em uma população ainda integrada por inúmeros analfabetos, permitindo o surgimento do movimento das classes menos favorecidas, em busca de seus direitos, os agrupamentos uniam-se com o objetivo de construir juntos, uma nova forma de economia, um novo modo de subsistência mais justo.

Ainda nos referindo aos anos oitenta, já se falava em preservação do meio ambiente, existiam debates sobre a questão. As nações naquele momento histórico já possuíam a consciência da necessidade de pensar em novas possibilidades de progresso sem agredir o âmbito em que vivemos.

Nos anos noventa, ergue-se de vez a globalização, à integração econômica, e as desigualdades acentuam-se. Apesar dos recursos tecnológicos quebrarem barreiras, emerge a exclusão, aumentando as injustiças entre as nações, em caráter político e social.

No Brasil, no governo Fernando Collor há confisco de poupanças, a classe operária fica ainda mais refém de um sistema que diz ser democrático, mas que na verdade afunda, cada vez mais, os cidadãos que estão em situação de vulnerabilidade econômica.

No Brasil, o ideário sobre economia ligando-a a solidariedade surgiu em 1993, através da obra, cuja coordenação coube que a Moacir Gadotti e Francisco Gutiérrez, "*Educação Comunitária e Economia Popular*", sendo que, em 1995 outros escritos tratando do tema da: Economia Solidária surgem, compondo parte importante da construção de uma nova economia em oposição ao capitalismo

desenfreado, permitindo que os grupos sociais construam outras formas de trabalho, em que haja uma partilha direta entre seus membros.

No início do século seguinte, a situação agravou-se. O desemprego aumentando, novas tecnologias surgindo e eliminando postos de trabalho. Onde alocar aqueles marginalizados pelo sistema de exclusão constante e crescente da classe operária? Como resultado, os trabalhadores levantam-se contra o processo de esgotamento de ofícios, com organização, procurando formar novas atividades econômicas, em iniciativa coletiva, acompanhada por pensamentos contra a exclusão, como resultado do pensamento capitalista.

Após duro embate, a sociedade civil organizada, representada pela parcela que está à margem da sociedade, acaba por se erguer e junto ao poder do Estado em 2006 é realizada a primeira conferência para se discutir os rumos a serem seguidos para o desenvolvimento da ES no Brasil, com a intenção de apresentar as diretrizes para formar o Plano Nacional de Economia Solidária, que facilite uma maior valorização deste novo modo de economia, com laços de proximidade horizontais, abordando o tema: Economia Solidária como Estratégia e Política de Desenvolvimento, apresentando a ES como alternativa ao capitalismo.

Entendemos que a Conferência Nacional de Economia Solidária (CONAES) subsidia a política de economia solidária, e busca uma orientação para a tomada de decisões no que diz respeito a assuntos políticos, coletivos ou públicos, a procura de ações que sejam voltadas a garantir direitos sociais, a ES travando junto ao Estado um compromisso público. Para as ações que foram ali pensadas serem desenvolvidas, é essencial que o governo e os movimentos solidários atuem em sintonia, para que os objetivos construídos na conferência sejam realizados.

No ano de 2010, ocorre a segunda conferência sobre economia solidária, com o seguinte tema: *“O direito as formas de organização econômica baseadas no trabalho associado, na propriedade coletiva, na cooperativa e na autogestão reafirmando a ES como estratégia e política de desenvolvimento”*. Nesta conferência estabelecida, a Resolução nº 4, de onde nasceu o Plano Brasil Justo e Solidário, com o intuito de promover um crescimento econômico e social igualitário no país.

Após, foi convocada a terceira conferência sobre economia solidária, pelo Conselho Nacional, que realizar-se-á no ano de 2014 em Brasília/DF nos dias 26 a 29 de novembro, com o seguinte tema: *“Construindo um Plano Nacional da Economia Solidária para promover o direito de produzir e viver de forma associativa e sustentável”*. Através da resolução nº 05, de 19 de junho de 2013, com os seguintes objetivos (retirado do Texto de Referência da 3ª CONAES):

I - realizar balanço sobre os avanços, limites e desafios da Economia Solidária considerando as deliberações das Conferências Nacionais de Economia Solidária;

II - promover o debate sobre o processo de integração das ações de apoio a economia solidária fomentadas pelos governos e pela sociedade civil;

III - elaborar planos municipais, territoriais e estaduais de economia solidária;

e IV - elaborar um Plano Nacional de Economia Solidária contendo visão de futuro, diagnóstico, eixos estratégicos de ação; programas e projetos estratégicos e modelo de gestão para o fortalecimento da economia solidária no país. (2013, p. 9).

A economia solidária vem buscando estar em constante associação com a sustentabilidade, algo importante para ser trabalhado na educação, na construção de um mundo de valorização da natureza, na reutilização de materiais antes não considerados importantes, mas que podem ser reutilizados, reciclados.

O movimento da Economia Solidária, como processo em construção e amadurecimento, ainda enfrenta dificuldades, desafios que necessitam ser superados, sendo importante a presença de seu caráter aberto às novas possibilidades, para seu crescimento. Sendo assim se fazem importantes as considerações, a seguir, extraídas do texto: *“Ação pública local e desafios de uma Cidadania Solidária”*.

Na prática, o exercício da cidadania termina sendo limitado a uma parcela restrita da população, indicando que a experiência republicana não é compartilhada por todos e que termina reproduzindo velhos mecanismos de poder baseados na repressão de direitos políticos e cívicos à diferença, como os das mulheres. Mas o fato das contribuições republicanas não bastarem para

resolver as desigualdades e injustiças sociais, não deve ser motivo para destituí-las. Mesmo porque os modernos não criaram nada melhor ainda para garantir os fundamentos de uma justiça aplicada. O que se deve é aprofundar a compreensão do legado republicano com vistas a um melhor das possibilidades que se oferece à democracia. (MARTINS, 2009, p.8).

Na empresa solidária, todos são seus donos por igual, nela trabalham, tendo os mesmos direitos de decisão sobre o seu destino. Em destaque de uma reflexão da autogestão, a Economia Solidária constrói-se de baixo para cima, podendo seu movimento ser compreendido como resultado dialético do movimento operário iniciado pós-revolução industrial, volta-se os sonhos passados sem deixar de se contextualizar aos sonhos da época atual. Sendo produzida a Economia Solidária tanto por persuasão intelectual como por afeto pelo próximo, com o qual se colabora.

A citação a seguir fala a respeito do surgimento de empreendimentos solidários. E também do seu aparecimento em diferentes lugares. Foi retirada do texto: *“Economia Solidária e Autogestão, a criação e recriação de trabalho e renda”*:

As formas pelas quais surgem os empreendimentos de autogestão são distintas, muito embora seus formatos societários não se desviem dos moldes tradicionais, em vigor na ordem jurídica brasileira, e mesmo internacionalmente, embora na Europa seu aparecimento e evolução guardem particularidades próprias de suas diferentes histórias. (TAUILE; RODRIGUES, 2004, p.39).

O verdadeiro aprendizado na Economia Solidária dá-se com a prática, existindo o comportamento econômico solidário na reciprocidade. Havendo um número grande de variedade de práticas tanto de ajuda mútua como também de tomadas coletivas de decisão.

Os trabalhadores quando começam a fazer parte de um empreendimento solidário, encontram-se ligados por laços de solidariedade moldados em anos de lutas, sendo a ajuda mútua essencial para conquista. Mesmo assim quando se inicia a Economia Solidária, muitos trabalhadores não sabem direito do que se trata.

Sendo um desafio, a Economia Solidária faz-se importante e já apresenta resultados, o que pode ser visualizada no trecho a seguir:

No Brasil há, nos dias de hoje, um número já bastante significativo de empresas geridas, em variados setores da produção tais como metalúrgico, têxtil, coureiro. Calçadista, plástico, alimentação, agroindustrial, sulcro-alcooleiro, construção civil, serviço, entre outros, que se organizam e operam "autogestionariamente", apesar de a ordem jurídica não as reconhecer como tal e não lhes dispensar o tratamento devido, neste momento da história do país. A justiça e a dignidade da organização e produção autogestionária expressam-se na legitimidade social e na viabilidade econômica desses empreendimentos. Por isso, merecem um olhar especial da sociedade e do Estado, de modo a lhes prover (mesmo que inicialmente à constituição do empreendimento - período de incubagem) adequada formação, educação, capacitação de crédito e recursos tecnológicos. Tais iniciativas, ao gerar dezenas de milhares de postos de trabalhos e renda, com uma perspectiva alternativa de sustentabilidade no longo prazo, além de ajudarem o país a crescer, contribuem com o bem-estar da população e, conseqüentemente, com seu desenvolvimento econômico e social. (TAUILE; RODRIGUES, *ibidem*, p.42, 43).

É importante que os trabalhadores do empreendimento solidário aprendam uma contabilidade, que seja didática, transparente, e clara a apresentação de seus resultados para todos, para que assim os mesmos possam adotar medidas eficientes, em suas empresas, com conhecimento.

Os empreendimentos solidários no Brasil tem enfrentado um meio extremamente adverso, capitalista, assim para que realmente se construa a Economia Solidária, e se firme, é fundamental que seus participantes, praticantes acreditem verdadeiramente em fazê-la.

A pedagogia da Economia Solidária solicita a criação de situações em que surge espontaneamente a reciprocidade. Faz-se importante o sentimento que nasce da prática solidária. Pensando-se na autogestão na Economia Solidária relacionada à educação, poderia se construir uma educação na qual os alunos participariam coletivamente na construção de um empreendimento que seja coletivo, na sociabilidade, colaboração, confiança, integração, em que todos ganhem.

A sociedade solidária tem como orientação ética fundamental a inclusão social, compreende-se que a participação é uma força política e pedagógica de integração dos indivíduos e dos grupos sociais construtores dos ambientes solidários e cooperativos. É importante perceber que a participação é exigência para que ocorra o processo de conquista.

Diferentes atividades podem ser aplicadas para se trabalhar a Economia Solidária, como por exemplo: realização de aulas na escola do fabrico de produtos artesanamente, para posteriormente se montar uma feira, com esse resultado. Os objetos devem ser feitos reaproveitando o máximo de recursos possível, se valorizando a reciclagem, e a restauração. Os alunos podendo realizar a construção de artesanatos, comidas, objetos artísticos, e depois da confecção, haveria interessante troca entre si do que construíram, e assim, permitir a interação.

A economia solidária se faz importante para que a educação possa atender melhor o ser humano em sua integralidade, pode-se trazer ao cenário escolar a figura da ES, como fonte inspiradora, na construção de uma educação em que haja valorização do próximo, sem distinção de gênero, raça e idade, para possivelmente se construir uma educação voltada para sustentabilidade.

Diferente de algumas ações do governo, essa educação citada no parágrafo anterior busca agir em direção ao indivíduo, pelo fato do saber ter início a partir das vivências do educando, sendo este formador do conhecimento, com a figura do educador e educando progredindo, em uma aprendizagem em conjunto.

Nota-se que a economia solidária é importante para a construção da educação, tanto em empreendimentos solidários, como também na própria escola. Trazendo pessoas a margem do sistema, para o centro, em uma educação mais igualitária e autônoma, não só na transmissão de conteúdo como também de valores.

A economia solidária requer a reeducação das pessoas que foram formadas no capitalismo, individualista, para a construção de uma nova visão de economia que seja pautada na coletividade. A ES necessita de entrar na educação como fez a economia capitalista. Como sendo uma economia que defende a igualdade e

inclusão de todos. Considerando que as pessoas são diferentes, e que devem ter espaço para o exercício de suas diferenças, portanto as práticas pedagógicas devem ser também diferenciadas.

1.2 A EDUCAÇÃO POPULAR E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Pensar em educação popular é refletir também no mundo em que vivemos, nas injustiças presentes nele, é pensar na educação, em professores opressores, em pessoas marginalizadas pelo sistema, é pensar toda uma organização social que a economia solidária pode ser uma representação de uma possível solução junto à educação popular para a construção de uma sociedade que saiba de seus direitos e deveres e que lute pelo que acredita. Antes de serem feitas as aproximações entre a EP e à ES faz-se importante entender melhor os pensamentos que giram em torno da EP, com destaque as proposições de Paulo Freire.

Propõe-se refletir a educação através do trecho a seguir: “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática, é naturalmente política, tem que ver com a pureza, jamais com o puritanismo e é em si uma experiência de boniteza.” (FREIRE, 2000, p.40).

Considerando o parágrafo anterior sobre educação, como motivador para a educação, tem-se a intenção, de dizer nos parágrafos seguintes reflexões que retratem a Educação Popular na prática da economia solidária, a partir de autores que falam sobre essas concepções, com destaque a Paulo Freire, e fazendo um resgate de pensamentos sobre essa modalidade de educação.

Buscando-se mais do que conceitos a respeito da educação popular, no Brasil, podemos perceber que seu movimento, vai muito além do que meras ações, mas sim parte de uma construção bem mais ampla do que se pode imaginar, havendo muitas interpretações a seu respeito, que para melhor entendemos precisa-se de um resgate de pensamentos e ligações.

A Educação Popular no Brasil se constitui e ergueu-se extremamente ligada ao educador Paulo Freire, em uma educação em que haja a conscientização do

educando perante os problemas enfrentados pela sociedade, com a formação de grupos e movimentos que reivindiquem seus direitos, pessoas conscientes de que podem mudar suas realidades de vida.

Prezou-se retratar em destaque a educação popular como sentido de libertação. Objetivando incentivar as competências do povo, por meio da informação, conscientização, qualificação e de uma grande presença comunitária.

Segundo Freire:

[...] a educação popular cuja posta em prática, em termos amplos, profundos e radicais, numa sociedade de classe, se constitui como um nadar contra a correnteza é exatamente a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido de superação das injustiças sociais. É a que respeita os educandos, não importa qual seja sua posição de classe e, por isso mesmo, leva em consideração, seriamente, o seu saber de experiência feito, a partir do qual trabalha o conhecimento com rigor de aproximação aos objetos. [...] (2001, p.49).

Nascendo de movimentos populares, a educação popular tem como meta, atualmente, fortalecer tais organizações. Ela surge de experimentações em organizações populares, sendo um modo de ensinar distinto pelo motivo de ser uma educação que vem de classes não favorecidas pelo sistema capitalista vigente.

A conceituação de educação popular transcende a fronteira do escolar, daquela dita formal, reunindo as bagagens de vida e os meios de aquisição de conhecimentos não institucionais, que ampliam na criança e no adulto a autonomia. Faz-se importante as relações não formais, aquelas das praças, nas ruas, nas salas de aula, entre outros lugares, para a construção do ensinar. Segundo Gadotti:

A educação popular tem-se constituído num paradigma teórico que trata de codificar e decodificar os temas geradores das lutas populares. [...] Trata de diminuir o impacto da crise social na pobreza, e de dar voz a indignação e ao desespero moral do pobre, do oprimido, do indígena, do camponês, da mulher, do negro, do analfabeto e do trabalhador industrial. (1992, p. 24).

Existem projetos formados pelo governo para a Educação Popular, o problema desses projetos são, em sua grande maioria, programas produzidos por pessoas de maiores poderes aquisitivos que procuram emoldurar as classes populares, as delineando, ou até confundir Educação Popular como sendo uma educação conduzida exclusivamente para os que encontram-se excluídos, os mais pobres, assim sendo pensando oferecer somente um ensino técnico, e profissionalizante, esquecendo de desenvolver no sujeito seu papel crítico diante da sociedade.

Diferente de algumas ações do governo, essa educação citada no parágrafo anterior, busca agir em direção ao indivíduo, pelo fato do saber ter início a partir das vivências do educando, sendo este formador do conhecimento, com a figura do educador e educando progredindo, em uma aprendizagem em conjunto.

Na prática educativa e crítica faz-se importante que o educador proporcione oportunidades nas relações e no ensino para a construção de um sujeito que se assuma em sua condição de cidadania, com a possibilidade de transformar, e conquistar suas metas.

Para uma alfabetização de qualidade, é essencial que haja uma compreensão crítica da sociedade, da realidade e econômica, social e política em que os sujeitos encontrem-se inseridos, para a formação de pessoas que entendam que possuem direitos e deveres de cidadão.

Conforme Freire (1987, p. 21) “A práxis [...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.” Pensando assim pode-se dizer que mudar é possível, pode haver mudanças nas atitudes das pessoas, porém é algo difícil de se construir, porque há muita complexidade envolvida nas ações que os homens necessitam refletir antes de fazê-las. Através de uma mobilização da sociedade, assumindo seu lugar de direito, de não mais oprimido pode tornar-se uma nova organização de educação e também de sociedade, uma realidade.

Freire faz análises em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, de condições alienantes dos homens oprimidos, com a manipulação do conhecimento, com a

institucionalização, e ações contraditórias de civilizações, apresentando os mitos dos opressores, que fingem propagar a independência nos direitos humanos, trazendo também a concepção bancária de educação, sendo importantes para um maior entendimento da educação popular, pois as pessoas presentes nesta educação nas comunidades muitas vezes encontram-se oprimidas pelo sistema de exclusão existente no mundo globalizado. Nesse sentido assinala Freire:

Enquanto, na concepção “bancária” – permita-se nos a repetição insistente – o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo seu poder de captação e de compreensão do mundo em que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em que a transformação, em processo. (1987, p. 41).

É necessário haver a educação das massas, uma educação libertadora, que haja mudança, liberdade, acabando-se com a educação de dominação, para a constituição de uma educação para o homem constituir-se como sujeito perante a sociedade.

Assim como Freire pensou, faz-se importante uma ruptura com o paradigma antropocêntrico e egocêntrico da cultura ocidental.

[...] as lideranças progressivas que se deixam tentar pelas táticas emocionais e místicas por lhes parecem mais adequadas às condições histórico-sociais do contexto, terminam por reforçar o atraso ou a imersão em que se acham as classes populares devido aos níveis de exploração e submissão a que se acham tradicionalmente submetidas pela realidade favorável às classes dominantes. Obviamente que seu equívoco não está em respeitar seu estado de preponderantemente imersas na realidade, mas em não problematizá-las. (FREIRE, 2001, p. 9,10).

Necessita-se para um entendimento maior do assunto ES e EP uma associação entre esses temas, sendo assim pensaremos da seguinte maneira: uma educação sendo comunitária e uma economia de cunho popular. A respeito dos pensamentos anteriores, faz se importante as seguintes considerações feitas por Gadotti:

A educação comunitária, como uma expressão da educação popular, preocupa-se específica, mas não exclusivamente, com os setores excluídos da sociedade - principalmente excluído do sistema econômico - não-produtores e não consumidores - na busca de melhoria de qualidade de vida. (1993, p. 11).

Pensar em melhores qualidades de vida para as pessoas faz se pensar em uma educação e uma economia menos individualista, com os oprimidos constituindo-se a partir da união uma força para na formação de um sentimento comunitário: Assim segundo o mesmo autor citado anteriormente:

Vivemos em numa cultura individualista, e a economia popular pensa a articulação das pessoas, isto é, como cada uma pode dar a sua contribuição ao todo. Comunidade é isso: é contribuir para o bem estar de todos. Esse é o espírito comunitário: integração de cultura e povos. Nisso, uma economia global orientada por uma nova ordem não se oporia à economia popular. (1993, p. 14).

Não sendo um conceito isolado, a autonomia depende de uma relação social aberta, sendo importante elemento para se entender a definição do sujeito em suas complexas peculiaridades, sendo ele um ser dependente e ao mesmo tempo um ser autônomo. Para dar início a um entendimento da relação existente entre EP e ES faz importantes considerações sobre autonomia, que segundo Freire:

[...] Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (1996, p.25).

A autonomia relaciona-se com a solidariedade. Ela faz-se um elemento importante para a construção da Economia Solidária em seus múltiplos aspectos, pois na integração do ato de pensar ao ato de agir, as pessoas necessitam aprender a lidar com a diversidade e com os conflitos existentes no mundo, visando à construção do coletivo, buscando a transformação da ordem social. E a Educação Popular pode ser onde as crianças, jovens e adultos encontram o controle para progredir numa autonomia, em uma troca social.

Nas comunidades, assim como na escola, os docentes precisam respeitar os saberes de seus alunos na ação com a sociedade, discutindo os problemas por eles

enfrentados, e a razão de ser de alguns conteúdos que são ensinados em ambientes escolares ou não.

Ensinar exige respeito à autonomia do ser discente, respeitando-se os gostos dos alunos, suas curiosidades, para uma educação de valorização de ambos os seres que fazem parte da construção da aprendizagem.

Lecionar exige tomar decisões. A educação vai intervindo no mundo, ocorrendo mudanças em diferentes áreas. Através de decisões e experiências que vão ocorrendo, a autonomia passa a ser constituída nas pessoas, amadurecendo a cada dia.

Escutar constitui-se parte importante do processo de aprendizagem, tem que se escutar pacientemente e criticamente o outro, para assim falar com ele. É preciso que haja a escuta paciente para ocorrer a troca de informações, Assim sendo ensinar exige saber escutar.

Ensinar exige querer bem aos educandos, a prática educativa que compartilha, sendo a solidariedade docente e a afetividade, compatíveis ao ensino na educação popular e que a partir dela possa construir a economia solidária.

Na EP o professor tem o papel de proporcionar a criação e produção de conhecimento em seus alunos, não uma mera transmissão de saber, mas sim algo que seja construído coletivamente, sendo assim quando pensamos na ES estamos nos deparando com uma forma de organização que presa pelo coletivo, assim como na EP as relações sociais devem ser de cooperação, ajuda mutua, dando destaque ao coletivismo.

Há várias relações existentes entre educação popular e economia solidária, como o fato de ambas se constituírem através da luta do povo, que não mais satisfeito com a situação de opressão buscaram novas formas de construção de relações, tanto na procura de um trabalho mediado entre os homens, como também em atividades educativas, com a valorização das experiências cotidianas, para uma alfabetização e escolarização que haja sentido, que seja para vida.

Com uma educação visando à libertação a alfabetização na EP, busca não só desenvolver o campo cognitivo, mas também procura o desenvolvimento do campo social e do político. Neste sentido a ES pode constituir um importante aliado para que além do entendimento sobre o processo de desvalorização do mais pobre, as pessoas busquem novas formas de economia que fuja da regra do capital, em procura de um trabalho concreto em conjunto de bens materiais e imateriais para o desenvolvimento humano, que seja coletivo.

A bagagem cultural dos alunos, sua história, seus costumes, são importantes componentes que o professor deve conhecer sobre seu educando para melhor o ensinar, independente de sua idade, porque são nos costumes do dia a dia que vão constituindo os sujeitos como pertencentes a determinada sociedade, cultura.

Assim sendo a ES pode ajudar as pessoas que não se sentem abraçadas pelo capitalismo, mas sim excluídas desse sistema competitivo, onde os mais fortes se fortalecem, enquanto os derrotados pelas competições, são cada vez mais oprimidos pelo sistema, na formação de ideias que permitam a transformação da ordem social, com o diálogo, a autonomia, e a interação, não separando o pensar do fazer, podendo organizar na escola e em comunidades. Por exemplo, um currículo organizado em temáticas, em uma escolarização que construa pessoas que possam pensar e agir para mudar sua circunstância de realidade.

A ES e a EP constituem-se importantes concepções para uma educação que preze pelo respeito ao próximo na construção de um sujeito solidário. Para melhor compreendê-las faz-se necessário relacioná-las a ações, já que elas se formam junto ao povo. No capítulo seguinte serão apresentadas experiências em uma associação, que ocorreram junto a estas teorias.

CAPÍTULO 2

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA E POPULAR

Este capítulo busca resgatar as vivências pedagógicas na Associação Atlética de Santa Maria - AASM, relacionando aos conceitos de economia solidária e a educação popular, e para situar o leitor ao local de contato com a comunidade, conta-se um pouco a história da cidade de Santa Maria e da associação, que se localiza no DF, descrevendo um breve histórico desta comunidade em que foi realizada a experiência pedagógica.

O primeiro contato e conhecimento que pude ter da comunidade Associação Atlética de Santa Maria, foi através do projeto da professora Sônia Marise: Economia Solidária e Educação projeto 3 fase 1, disponibilizado pela Faculdade de Educação – UnB. Ele foi realizado no 1º semestre letivo de 2012, em uma comunidade, localizada na cidade de Santa Maria – DF, em um grupo que disponibilizava aulas de reciclagem para a comunidade, composto por alunos da UnB. O projeto 4 fase 2, realizei no primeiro semestre de 2013 onde participei do grupo que proporcionava aulas de reforço.

Foram dois semestres de trabalhos desenvolvidos o qual pude entender melhor o processo da economia solidária e educação popular. Os dois momentos do projeto foram realizados aos sábados, o ônibus saía da UnB as 8:30 e levava os estudantes do projeto até a associação e retornávamos por volta das 12:30 para a Faculdade de Educação.

2.1 SANTA MARIA, SUA HISTÓRIA

Oficializada no mapa do Distrito Federal no dia 10 de fevereiro de 1993, pelo decreto de nº 14.604. Santa Maria surge como região administrativa XIII, Cidade Santa Maria localiza-se a 26 km de Brasília, é uma área que engloba os espaços da Marinha, Pólo JK, e Saia Velha, teve suas primeiras quadras habitadas no mês de

fevereiro de 1991. Limitando-se ao sul com o estado de Goiás, ao norte com o Núcleo Bandeirante, a oeste com o Gama, e a leste com o Paranoá.

A origem do nome da cidade foi pelo fato dela ser rodeada por dois ribeirões, tendo um deles o nome de Santa Maria e o outro de Alagado. Vivem quase 120 mil habitantes conforme censo realizado pelo IBGE em 2005.

A cidade é fruto de um grande programa de distribuição de lotes realizado pelo governo do Distrito Federal. Assim como outras demais regiões administrativas do DF, Santa Maria nos primeiros anos, era dotada de pouca infra estrutura urbana, que aos poucos foi sendo consolidada. Hoje, a cidade tem quase 100% de asfalto. Recentemente a cidade teve inaugurado seu primeiro hospital público, o Hospital Regional de Santa Maria.

2.2 ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA

A Associação Atlética de Santa Maria é uma ONG - Organização Não Governamental, que não possui fins lucrativos, localizada em um espaço que foi cedido pelo governo federal. Em 1995 a associação já se encontrava ativa, mas foi oficialmente fundada em 1998 por Amparo, uma mulher que se preocupava com os altos índices de violência e uso de drogas frequentes na cidade de Santa Maria.

A associação surgiu em formato de associação/entidade, que não possui fins religiosos, nem lucrativos, nem políticos. Ela é de direito privado, no que se refere a sua pessoa jurídica. Que objetiva tirar crianças e adolescentes das ruas e de possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência, através de atividades esportivas, culturais, de lazer e com cursos profissionalizantes.

Atende atualmente mais de 600 crianças e adolescentes, em diversos cursos, como futebol, dança, entre outras atividades, oferecidas por pessoas voluntárias. A ONG tem parcerias de instituições não governamentais e governamentais que ajudam financeiramente no desenvolvimento da associação.

2.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA: PRIMEIRO MOMENTO – GRUPO RECICLAGEM

Neste primeiro momento, serão descritos o processo de conhecimento da Associação Atlética de Santa Maria, descrevendo cada Grupo de Atuação – GT, Com o destaque ao de reciclagem. O projeto foi realizado ao longo do primeiro semestre de 2012, projeto 3 fase 1. Destaco aqui um trabalho desenvolvido sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho, relacionando a ES.

O que pude observar e que achei muito presente em minha experiência na comunidade, foi que o grupo buscou desenvolver na associação resoluções ou pelo menos direcionar a soluções de problemas tanto econômicos, quanto sociais. Como Gadotti e Gutiérrez já enfatizaram:

[...] organizações econômicas populares, isto é o caminho que segue aqueles que se organizam em pequenos grupos para buscar em conjunto e solidariamente a forma de encarar seus problemas econômicos, sociais e culturais mais imediatos. (1993, p.36).

Para uma reflexão das ações desenvolvidas na associação é importante pensar no conceito de cooperação presente na ES, apresentado no capítulo anterior, pois esse pensamento busca que as pessoas alcancem interesses comuns, com uma participação coletiva. Ele foi bem presente nas ações desenvolvidas pelo grupo da UnB na AASM, na busca de alcançar interesses comuns não só entre os alunos da universidade, como também da comunidade. Através de diálogos constantes entre ambos.

A docente responsável pelo projeto realizou dois encontros na Universidade de Brasília, em dias distintos, antes dos alunos da UnB irem todos os sábados á AASM, neles a professora explicou o projeto, que era realizado em uma comunidade localizada em Santa Maria/DF, que possuía como fundadora/representante Dona Amparo. Esclarecendo que dentre os objetivos da iniciativa, destacava-se, desenvolver na comunidade projetos que pudessem futuramente caminhar sem a ajuda de alunos da universidade, para sua melhoria e posteriormente expandir, com a utilização dos conceitos da ES.

Nesta mesma aula, a educadora destacou a necessidade de comprometimento dos alunos no projeto, evidenciando a necessidade de engajamento nas atividades propostas no decorrer do semestre.

Alunos que já haviam feito parte do projeto trataram o novo grupo, que estava entrando, com muito respeito, dando as boas vindas, falando sempre com afeição da experiência que desfrutaram. A professora explicou sua forma de trabalho, retratando que cada aluno deveria escolher onde teria interesse de atuar, dando liberdade ao mesmo tempo com comprometimento.

Partindo para a comunidade de Santa Maria, tivemos os dois primeiros encontros para formação e divisão dos grupos, depois de muita conversa e orientação aos novos alunos. Os GTs foram divididos, em: Biblioteca, contabilidade, futebol, informática, reciclagem e revitalização do espaço.

Diante de várias possibilidades de escolha, conversando com cada grupo, para escolher o grupo com maior afinidade. Depois de muita observação decidi participar do grupo de reciclagem. Pensando em reciclagem faz-se interessante pensar no conceito de viabilidade econômica, pois nele tem-se a intenção de desenvolver determinado local de modo sustentável, com um trabalho ético.

O GT o qual fiz parte organizou-se para oferecer oficinas de reciclagem. Conversando o grupo, foi decidido realizar um planejamento e um cronograma para cada atividade que iria ser desenvolvida no decorrer do semestre. Optou por organizar-se em subgrupos para administrar a oferta de oficinas e também o uso da brinquedoteca sustentável, que foi implantada no local no semestre anterior. Nessa oportunidade também foi definido algumas metas a serem atingidas no decorrer do semestre.

O grupo que já havia participado de oficinas em anos anteriores falaram para o grupo que estava chegando que haviam muitas mães que participavam dessas oficinas que levavam seus filhos, o grupo mesmo da UnB falava sempre com as mães para levarem seus filhos, para serem realizadas atividades educativas com essas crianças. Assim foi proposto desenvolver na brinquedoteca que há na comunidade, atividades com as crianças, que pudessem despertar nelas a

necessidade e importância da reciclagem, com diversão ao mesmo tempo um ambiente que propusesse a reflexão das crianças em torno da reciclagem.

O GT o qual fiz parte decidiu então alcançar as seguintes metas no decorrer do semestre:

- A realização de quatro oficinas gratuitas de reciclagem no espaço da associação e aproveitamento pedagógico da brinquedoteca para os filhos(as) das pessoas inscritas nos cursos;
- Propiciar formação e promover o comprometimento da comunidade com a associação, de forma a garantir a sustentabilidade do projeto e visando o trabalho cooperativo, solidário, significativo e democrático;
- Ao final do semestre, a realização de um bazar para expor as peças produzidas durante as oficinas.

Os GTs sempre procuraram ouvir todos os componentes do grupo, assim sendo faz-se importante refletir posicionamentos a respeito da participação das pessoas nas decisões de determinada ação. Segundo Singer:

[...] Participar das discussões e decisões do coletivo ao qual se esta associado, educa e conscientiza, tornando a pessoal mais realizada, autoconfiante e segura. É para isso que vale a pena se empenhar na economia solidária. [...] (2002, p. 21).

Assim faz-se importante a autogestão como guia para o trabalho dos GTs na associação, pois prezou por ações participativas, e com igualdade de opinião nas decisões, que foram tomadas no decorrer do semestre. Portanto, foi valorizado no projeto o conhecimento coletivo.

A professora definiu que cada grupo seria responsável pela construção de um seminário, cada grupo teria o compromisso de estudar determinado texto que a professora dividiu e fariam também o fichamento do texto, compondo também a avaliação a entrega de um relatório etnográfico individual sobre o projeto ou um artigo científico e um relatório em conjunto de cada grupo sobre a ação desenvolvida na comunidade no decorrer do semestre.

Foram determinados objetivos a serem alcançados por cada grupo, proposto por eles mesmos, assim o GT da revitalização propôs como objetivo renovar vários ambientes da comunidade, como: fazer cortinas para a pia da cozinha, modificar os armários da cozinha, fazer painéis informativos onde os frequentadores da associação possam compartilhar informações, colocar as tampas dos vasos sanitários, identificar as portas, fazer uma horta suspensa e oferecer oficinas de tapeçaria aos frequentadores da comunidade.

O GT do futebol, que já existia em semestres anteriores disse que para melhorar o atendimento a comunidade passaria a exigir o atestado médico para a prática de atividades físicas das crianças inscritas, e também tem o objetivo de organizar palestras educativas para o público jovem da associação, destacou também a necessidade de reforma do campinho onde os alunos praticam o esporte. A professora sugeriu que o grupo trabalhasse questões como o abuso de drogas e outras condições que interferem na ascensão profissional dos jogadores de futebol, de modo a subsidiar a formação cidadã desses jovens.

O grupo da contabilidade disse que objetivava fazer um levantamento dos custos de manutenção da associação e também produzir um vídeo de divulgação do trabalho da AASM, com a intenção de atrair parcerias.

Os componentes do grupo da informática relataram que como objetivo pretendiam oferecer cursos de capacitação em informática para quem tivesse interesse, com o foco nos alunos do futebol, o grupo disse que pretendiam conseguir computadores, ventiladores e mesas, ir atrás de empresas que pudessem fazer alguma doação, para compor o ensino, já que foi constatado ser um déficit muito grande da comunidade.

O GT da biblioteca pretendia pedir doações de livros, catalogar esses livros doados e também montar um cine clube para crianças e adultos que frequentam a comunidade.

Meu grupo, da reciclagem, definiu como objetivo trazer para a comunidade temas relacionados à educação ambiental, apresentando propostas viáveis de reciclagem, que resultara na confecção de brinquedos, acessórios, artigos de

decoração e outros, que além do aspecto ecológico, também representam opções para a geração de renda.

Esse encontro, para meu GT, também foi dedicado ao levantamento dos materiais necessários para as oficinas e estabelecimento das datas em que iriam ocorrer e a definição do meio de divulgação que iríamos adotar. Decidimos confeccionar e distribuir panfletos em pontos estratégicos da cidade.

No encontro que se seguiu, foram retomados alguns assuntos da aula anterior e o grupo discutiu também os princípios da Economia Solidária. Além disso, foi falado sobre um princípio, para ser trabalhado com a comunidade a AASM, a dívida: dar, receber e retribuir. Tendo em vista a concretização da dívida, com a proposta de trabalhar com a comunidade o compromisso com ela.

Todos os grupos com a professora Sônia decidiram realizar reuniões estratégicas para o desenvolvimento do trabalho na AASM com parceiros e com pessoas que fazem parte do trabalho desenvolvido na comunidade.

Então, em primeiro momento, foi decidido realizar uma reunião com os parceiros, ou seja, pessoas que pudessem contribuir com a associação. Em segundo momento, fazer uma estratégia de conscientização dos pais com uma reunião na sexta-feira, dia 11-05-2012. Os pais seriam recebidos com um lanche e após isso iniciaria a reunião, com objetivo de apresentar os objetivos da associação com a família e conversar sobre o que é o processo de associativismo.

No segundo momento da reunião seria ministrada uma palestra pela professora Sônia Marise e a dona da associação, Maria do Amparo, explicitando o que a associação tem para oferecer e o que gostaria de receber, mostrar também a importância dos pais para a sociedade.

Com tudo já em mente, a proposta foi de que cada GT desenvolveria uma ação concreta com a família na comunidade, entendendo os conceitos da economia solidária, através das leituras propostas pela professora, trabalhando os pensamentos que permeiam a dívida, em ideia de troca social, para alimentar o círculo desta troca, e também estudar a concepção de educação popular.

Neste encontro o grupo em que participava, fez algumas alterações no planejamento geral do que seria desenvolvido na comunidade, neste momento o grupo também fez a contagem de doações de brinquedos feito por uma integrante do grupo, para a brinquedoteca, lugar onde faríamos atividades com as crianças, é o local onde eu fiquei mais presente durante as atividades do projeto.

A professora ainda neste encontro, falou com cada grupo separadamente para saber o que cada um estava fazendo, saber suas propostas de trabalho, tirar dúvidas, para uma melhoria da atuação dos alunos.

Na aula que se seguiu, os alunos da UnB chegaram em Santa Maria, e se reuniram, o grupo em que participava, colocou os outros GTs e a professora a par do que estava sendo realizado no grupo de trabalho de reciclagem, conversando muito a respeito da divulgação das oficinas que seriam disponibilizadas pela comunidade, neste momento todos os componentes do grupo se mostraram interessados em contribuir para a organização de um trabalho bem significativo para a comunidade e para o grupo.

A proposta das oficinas foi discutida no GT de reciclagem, foi realizado o levantamento do material necessário e então alguns componentes do grupo se responsabilizaram por estruturar o planejamento.

No dia que se seguiu, 26/05/12, a professora não pode comparecer a associação, e o grupo de trabalho da informática apresentou o texto que estava no cronograma da turma, depois do seminário, o grupo que participava foi distribuir os panfletos de divulgação das oficinas de reciclagem.

Todos os integrantes, do grupo de trabalho da reciclagem participaram da distribuição dos folhetos, o GT se dividiu, a manhã toda foi o empenho do grupo nesta tarefa, já no ato da entrega dos folhetos também realizamos inscrições para as oficinas.

De volta a associação, o GT o qual participava, decidiu fazer uma listagem de materiais necessários para o grupo providenciar para a semana seguinte.

Na aula que se seguiu o grupo da reciclagem realizou uma limpeza na brinquedoteca, e alguns reparos nos brinquedos. Considerei este trabalho muito significativo, já que conferiu uma grande melhora na qualidade do ambiente.

Depois de tudo limpo e organizado, o GT em que fazia parte conversou com a professora Sônia. Que orientou na produção de um relatório coletivo a respeito do trabalho desenvolvido na Associação em Santa Maria.

A aula que se seguiu foi a primeira a ter uma oficina de reciclagem, foi uma aula direcionada para crianças, que ocorreu na brinquedoteca, com o tema: Lixo e reciclagem. Neste mesmo dia também foi disponibilizado outra oficina pelo grupo de reciclagem, a oficina de fuxico. Por falta de crianças na brinquedoteca, não foi aplicado o planejamento para as crianças, então todos os integrantes do grupo se dedicaram à oficina de fuxico.

O curso de fuxico começou por volta de 09:30, no salão principal da Associação Atlética de Santa Maria com a presença de cerca de dez participantes da comunidade, em sua maioria mulheres. Foi um pouco conturbado no começo, pois parecia que os materiais que tínhamos a disposição eram poucos para atender as pessoas inscritas no curso do dia e para atender os alunos de outros GTs que também quiseram participar da oficina.

Contudo, o grupo da reciclagem se organizou, e conseguiu dar atenção e fornecer o material necessário a todos os cursistas. O curso foi bem proveitoso, as participantes saíram com muitas criações e desenvoltura na confecção do fuxico.

Na oficina seguinte notei o princípio da dádiva, e também da cooperação, pois a Sra. Sebastiana, que se inscreveu para nas oficinas, compareceu à oficina de fuxico para ajudar o grupo a ministrá-la. A participação dela foi muito significativa, ensinou na oficina algumas variações do fuxico convencional e até mesmo aqueles que estavam lá para se ensinar se tornaram alunos. Foi um dia de aprendizado para todos. A oficina terminou por volta de 11h15 da manhã com as alunas produzindo flores, arranjos e modelos diferenciados de fuxico.

A segunda oficina, no dia 16/06/12, cerca de 10 alunas participaram da oficina de artigos de decoração com garrafas PET. Cerca de 4 crianças estiveram

presentes fazendo com que houvesse atividade na brinquedoteca. Contudo, com o frio tornou-se inviável ficar com as crianças no espaço externo e ficamos todos na sala de múltiplo uso. Porta retratos, balões de teto, porta trecos e outros artigos confeccionados foram um sucesso. O grupo assim encerrou a oficina por volta das 11:30.

Cinco pessoas participaram da oficina de papel reciclado, no dia 23/06. A produção de papel reciclado exige material muito específico como um tanque para o armazenamento da massa para o papel, liquidificador de potência e tamanho adequado, tempo suficiente para a produção, montagem e secagem dos mesmos. Assim com a falta de tempo o processo ficou um pouco confuso e algumas cursistas desistiram. No entanto, quem concluiu a oficina saiu satisfeito, mas não pôde levar sua produção, já que o papel precisava secar. Ficou combinado que eles poderiam ir buscar o papel na semana seguinte.

Durante a oficina ministrada pelo GT da reciclagem um professor de pintura, que sempre está presente na associação ministrando aula de pintura, ensinou a algumas alunas que chegaram mais tarde à associação, a montagem e pintura de biscuit para ímãs de geladeira e enfeites em geral, até mesmos alunos do projeto criaram seus próprios biscuits.

Neste mesmo dia a restante do grupo de reciclagem estava na brinquedoteca com cerca de 10 crianças. Lá as crianças produziram “massinha de modelar”, feita com farinha de trigo, óleo e suco em pó. A experiência foi divertida para as crianças e também para meu grupo.

A oficina do dia 30/06/12 também foi pouco procurada: apenas cinco participantes da comunidade compareceram para aprender a confeccionar carteiras com caixa de leite. Os integrantes do GT da reciclagem contribuíram com muitas caixas de leite limpas e secas, que foram usadas durante a aula. Havia diferentes materiais para a produção das carteiras, diferentes tipos de retalhos, colas, tesouras, linhas e agulhas.

Nenhuma criança compareceu à brinquedoteca neste dia. Dessa forma todos os integrantes do grupo de reciclagem, que estavam presentes, auxiliaram da forma

que puderam na oficina, cortando ou colando carteiras. Outros GTs estavam separando roupas e objetos doados para o bazar que ocorreria na semana seguinte. As participantes da oficina saíram bastante contentes com suas novas carteiras de caixa de leite, inclusive eu, pois todos mostraram-se comprometidos com suas confecções e assim o trabalho ficou bem feito.

O último dia de trabalho na associação de Santa Maria, 07/07/12, foi marcado por um grande bazar organizado pelos estudantes. O GT da reciclagem expôs os trabalhos realizados durante o semestre e cada integrante do grupo se dirigiu para a função que mais lhe agradou, como a venda, caixa, oficinas e para a brinquedoteca. Antes todos os integrantes do grupo todos da UnB, que estavam presentes, organizaram, etiquetaram e separaram as roupas, sapatos, bijuterias e acessórios doados para o bazar.

Movimento na brinquedoteca foi pequeno, e apesar de o grupo de reciclagem ter deixado ela limpa e organizada para receber as crianças, o local já não se encontrava mais limpo como o GT havia deixado na semana anterior, estava parecendo um depósito, com muitos objetos velhos, espalhados por toda parte. Isso acabou por me deixar chateada, pois retiraram coisas do salão de beleza, do próprio bazar e de outras partes da associação e colocaram lá como se não houvesse um planejamento prévio para o local. Mas no dia em questão, poucas crianças apareceram e brincaram no espaço.

Com a situação apresentada, o grupo de reciclagem conversou com a representante da associação, pediu para ter mais cuidado com a brinquedoteca, já que o principal público participante da associação são crianças.

Enquanto isso o bazar estava movimentado e com muitas compras acontecendo. Um grupo de alunos ficou responsável pela reposição de roupas e calçados e assim durou a manhã inteira.

Apesar de observar claramente a movimentação de economia solidária, percebemos, que há pouco retorno da comunidade para com a associação.

Durante o almoço servido pela associação, muitos alunos viram a movimentação do grupo da biblioteca que realizava um trabalho de leitura para

algumas crianças que apareceram por volta do meio dia. O grupo da Contabilidade tentou passar o vídeo feito por eles, sobre a associação. Eles conseguiram resolver o problema e o vídeo foi exibido.

Esse foi o dia mais demorado na associação, só saímos de lá quase no fim da tarde, foi um momento bem gratificante, o grupo da UnB vendeu roupas com um valor bem em conta, e foi o dia que senti maior participação da comunidade na associação.

O conceito de solidariedade apresentado na ES, há um sentimento de ajuda e respeito entre os membros de determinado lugar. O que aconteceu na AASM foi isso, tanto os alunos da universidade, como as pessoas envolvidas na associação buscaram respeitar o ponto de vista de cada um. Em especial no meu GT de atuação, em que todos buscaram valorizar o conhecimento do outro, com respeito a questões raciais e de gênero.

2.4 PRÁTICA PEDAGÓGICA: SEGUNDO MOMENTO - AULAS DE REFORÇO

Este tópico terá o destaque no relato de ações desenvolvidas durante aulas de reforço realizadas na Associação Atlética de Santa Maria, e reflexões para as desenvolve-las, relacionando a educação popular. E também consta uma breve descrição das ações desenvolvidas por outros grupos formados por alunos da UnB, que fizeram parte do projeto, neste mesmo período.

Retornei a associação, no primeiro semestre de 2013, novamente através do projeto da professora Sônia Marise, da Faculdade de Educação, o projeto quatro, fase II. Lecionei aulas de reforço, aos sábados, durante todo o semestre, para duas meninas na comunidade, que moram na cidade de Santa Maria.

E então começou as aulas na UnB, antes do grupo de alunos da universidade irem para a AASM, a professora Sônia deu orientações, destacando a importância de ser desenvolvido na comunidade de Santa Maria o assunto de drogas, gravidez na adolescência, violência, entre outros assuntos. Após as instruções o grupo foi para a associação.

No dia 4 de maio de 2013, aconteceu à primeira reunião na comunidade, foi um momento de divisão dos grupos que atuariam na associação, houve a fixação de um horário de trabalho para todos os GTs, que seria em torno das 09 horas até 11 horas, da manhã de todo sábado, até o fim do semestre.

Então iniciou o trabalho dos alunos da UnB na AASM. O grupo se dividiu em subgrupos de trabalho, para elaboração de tarefas na comunidade. Após muita conversa entre os alunos e a representante da associação, Dona Amparo, formaram-se os seguintes GTs: Reforço, divulgação, crochê e artesanato infanto-juvenil. Cada GT ficou responsável por planejar as atividades a serem desenvolvidas pelo seu grupo na associação.

Conversei com todos os GTs e decidi participar do que desenvolveria aula de reforço. A prática que pude apropriar na comunidade foi em lecionar para duas meninas, uma de 12 anos e outra de 9 anos, aulas não só de reforço que mostrassem o conteúdo escolar, mas sim inserir os conhecimentos que elas já possuíam em relação as suas vivências para a construção do conhecimento e também desenvolver aulas com os seguintes temas: Drogas, Violência e Gravidez na adolescência.

O retorno à associação foi um tempo de reflexão a respeito da educação popular, como eu poderia ensinar crianças com respeito e autonomia? Como poderia aplicar nas aulas os conceitos presentes na EP? Várias perguntas foram pensadas na busca de uma melhor maneira de interação com a comunidade. Pensando sobre as atitudes dos professores, faz-se importante o seguinte posicionamento feito por Freire:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. [...] (1996, p.27).

Na aula seguinte, dia 11/05/2013, os alunos da UnB reuniram-se no salão principal da AASM, com a intenção de realizar um planejamento de ações para a aula que aconteceria na semana seguinte. Depois de muita conversa ficou decidido

que aconteceria uma galinhada, no dia de fechamento do semestre na associação, com a intenção de interação entre alunos da UnB e a associação, e foi decidido também que haveria toda aula um lanche coletivo, em que cada aluno da UnB contribuiria com o dinheiro que pudesse para realização deste, para atender as crianças que participavam das aulas de reforço. Outros pontos foram tratados durante essa aula, para começarem a serem desenvolvidos na aula seguinte.

O GT das oficinas e crochê e o de reforço, se juntariam para a criação de fichas de inscrições para os alunos e confecções de cartazes para a divulgação de suas atividades, determinando o horário das 9:30 as 10:30. O GT da oficina de artesanato infanto-juvenil propôs para semana seguinte trabalhar na limpeza de uma sala da associação, e separar os possíveis materiais a serem usados nas oficinas. E o GT da divulgação teve a proposta de dar início a confecção de cartazes e panfletos, para divulgar a galinhada, que foi pensada em ser realizada no último dia do semestre dos alunos da UnB na associação e também criar uma página no facebook para interação de alunos da universidade e os participantes da comunidade.

Nesse mesmo encontro o GT o qual eu fazia parte, decidiu já divulgar as aulas de reforço, andou pela cidade de Santa Maria divulgando o trabalho que seria apresentado lá. Dona Amparo ficou responsável em divulgar durante a semana, as aulas de reforço que iriam ocorrer na AASM aos sábados pela manhã, avisar que na semana seguinte já haveria a inscrição dos primeiros alunos nas aulas de reforço.

As aulas de reforço foram propostas pelos alunos da UnB, pensadas em conjunto aos integrantes da associação. E divulgadas tanto por alunos da universidade, como também integrantes da comunidade. A educação popular é participativa, assim neste encontramos ligadas a ação desenvolvida na comunidade, em que todos tiveram voz para decidir se haveria ou não aulas de reforço na AASM.

No dia 18 de maio de 2013, logo no primeiro sábado após a divulgação das aulas de reforço, já existiam crianças na comunidade interessadas em fazer parte delas. Comecei então a conversar com uma menina de doze anos de idade interessada nas aulas de reforço que me aceitou para ensiná-la. Para manter a confidencialidade, ela será chamada ao longo do trabalho de pela letra “J”.

No primeiro contato com J, busquei fazer perguntas que pudessem entender o porquê dela precisar de aula de reforço, ela contou que havia reprovado a quinta série, que teve dificuldades de enfrentar uma escola com várias matérias diferentes de seu antigo colégio de ensino fundamental, na quarta série, onde havia só uma professora em sua turma e bem menos disciplinas para estudar. No decorrer da conversa, descobri que apresentava mais dificuldades nas disciplinas história e geografia.

A aluna que dei aula de reforço disse já na primeira aula, que estava estudando na escola sobre a Mesopotâmia, falou que achava esse assunto muito difícil e que não estava entendendo nada, e então propus que estudássemos o assunto, ela então aceitou, ela disse que não estava com seu livro da escola, então peguei o computador de algum aluno da UnB emprestado para não perder tempo e poder ajudá-la. Ensinei a manhã toda. Para ela entender melhor, mostrei figuras e expliquei alguns dos motivos de estudar aquele conteúdo na escola.

Após a aula, o grupo da UnB se reuniu e conversou a respeito do que estava sendo desenvolvido no projeto e percebi que o grupo encontrava-se muito participativo. O grupo conversou a importância de tornar o projeto em Santa Maria algo concreto, que já esta sendo feito, para os futuros alunos que eventualmente participarão dele.

Apesar da empolgação dos alunos neste momento notei a falta da participação da comunidade nas discussões das atividades do dia 18, pois ninguém da associação quis participar da conversa, ou porque já teria que ir embora, ou porque não estava interessada na discussão. O que me deixou preocupada com os rumos que poderiam seguir o projeto.

No dia 25 de maio de 2013 ocorreu à segunda aula com J, tentei conhecê-la melhor para posteriormente trabalhar outros temas com ela além dos conteúdos escolares. Conversando com a aluna, ela relatou gostar do colégio, porém sentia grande dificuldade em encarar várias matérias ao mesmo tempo, e assim acabou perdendo-se no caminho e reprovando o ano anterior. Refletindo sobre as considerações da professora em relação à comunidade, perguntei se em sua escola

já existiam meninas grávidas, ou com algum filho, ela respondeu que sim, mas não da série dela.

Diante da conversa inicial e as que ocorreram ao logo das aulas, pensei como poderia ajudá-la no ensino utilizando-se de princípios da educação popular para dar suporte às explicações, levantando questionamentos, procurei ajudar de acordo com temas geradores do conhecimento dela, como na EP em que utiliza o saber da comunidade como fonte para o ensino.

Nesta mesma aula que dei para J levei um laptop como estratégia a tornar a aula mais atrativa, já que os jovens atualmente adoram essas ferramentas tecnológicas e que a aluna já havia dito que era algo que ela gostava muito, e que só existia um em sua casa, que pertencia a seu irmão, e que não a deixava usar muito.

Primeiramente utilizamos o livro da escola que ela estudava, para estudar geografia. O conteúdo era sobre os pontos cardiais, colaterais, a Rosa dos Ventos. Notei no livro a falta de gravuras e a falta de explicações que mostrassem realmente o sentido e a importância do estudo desses assuntos, procurei falar para ela de sua rota de casa até a escola, e a comunidade, perguntando, qual era mais longe, se estaria no sul ou no norte, leste ou oeste, ou outro, fomos desenvolvendo um pensamento para entender o sentido de estudar aquilo através da própria rotina de J, e posteriormente utilizamos o computador para melhor visualizar imagens que pudessem estimular um entendimento maior e mais significativo daquele conteúdo.

Ainda neste encontro notei a falta da comunidade na conversa que foi realizada pelo grupo da UnB junto à AASM, todo fim de manhã de trabalho na associação. A aluna que eu dei aula de reforço participou da discussão, relatou que pretendia continuar participando na comunidade. Fora ela ninguém mais da associação compartilhou o debate.

Na aula do dia 08/06/2013, foi estudado junto à aluna, ao qual eu lecionei a disciplina de geografia, conteúdos desta. A aula durou pouco tempo, então decidi aplicar um planejamento de aula que havia feito. Além de ensinar o conteúdo,

realizei também uma lição sobre o tema gravidez na adolescência. Ver em apêndice plano de aula.

Dias antes da construção do planejamento sobre a aula de gravidez na adolescência, pensei em utilizar documentários, como estratégia de explicar as situações que podem ocorrer em uma gestação indesejada, mas os descartei por considerar eles muito triste para a idade da aluna. Então decidi utilizar o filme Juno, por ele ter a censura de 10 anos e por já o ter assistido e o considerar mais leve do que um documentário, por possuir não só drama no filme, mas também um lado cômico.

O filme conta a história de uma menina de 16 anos que engravidou sem planejar, e que passou por diversas dificuldades durante todo o filme. Ela pensou em abortar, em vender. Por fim ela acaba o dando para outra pessoa criar seu filho, que ela considerava possuir um sistema emocional mais controlado e que teria mais condição financeira de criar a criança.

Ao fim do filme, conversei com aluna a respeito do que ela havia entendido, e explicando as situações do filme, que se faz presente na vida real de muitas adolescentes brasileiras, tentando aproximar o filme ao convívio social da educando. Com a finalização de um desenho sobre as emoções que sentiu durante a realização da lição, ela começou a desenhar um coração com alguns amigos dentro, ela não pode terminar a atividade e então ficou de terminar em casa.

Ao fim da manhã reuni com todos os GTs e foi determinada a data da galinhada, do fim do semestre, que ficou marcada para o dia 13 de julho de 2013. Foi determinado também o valor de cinco reais para a compra da ficha da galinhada, que já estaria à venda na semana seguinte.

Na aula que se seguiu, dia 15/06/2013 a aluna J relatou que gostava muito de matemática, relatou ter facilidade nesta matéria, e soube resolver diversos exercícios sem minha ajuda. Então resolvi falar com outras crianças que iam para a comunidade, mas não faziam parte da aula de reforço, foi quando conheci outra menina que participava das oficinas que os alunos da UnB ofereciam, irei chamá-la de "L", conversando com ela, me informou ter grande dificuldade na leitura, assim

falei para ela ler e notei mesmo sua dificuldade, a partir disso falei para ela que podia ajudá-la e ela aceitou.

Diante da nova aluna que surgiu, senti a necessidade de refletir sobre a educação que prezasse pela autonomia da educando, para facilitar o processo de construção de sua leitura. Pensei então no Paulo Freire, no livro *“Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa”*, explicado no capítulo anterior. Busquei respeitar os pensamentos da educando, para melhor poder ajudá-la.

Então ao longo das aulas que aconteceram procurei desenvolver atividades educativas que procurassem que as alunas melhorassem na escola, no ensino, não esquecendo o que elas já tinham conhecimento. Como na educação popular em que utiliza o saber da comunidade como elemento para o ensino.

As aulas que se seguiram buscou-se desenvolver junto às alunas atividades que desenvolvessem o lado cognitivo e social nelas. Toda aula iniciava olhando os deveres de casa de cada uma delas e posteriormente o grupo discutia os motivos daquele dever ser importante para um entendimento melhor sobre o conteúdo escolar. Conversamos sobre diversos assuntos, sobre a escola, como eram os amigos, e sobre a família.

Depois de explicar os deveres de cada aula, foi planejado brincadeiras com as meninas. Primeiro criei um facebook (rede social), para a aluna mais velha, pois ela relatou querer muito ter um e como L já possuía um, ela fazia muita questão de ter um também. Brincávamos dentro e fora da associação, houve o dia da dança em que elas expressaram seus gostos musicais.

O que pode ser destacado é que nas aulas buscou-se não só apresentar conteúdo, mas também atividades que despertassem nas crianças seu lado social, através da música, e de brincadeiras que refletissem a sociedade de hoje, cada vez mais inserida no mundo da informação, antes vetada a elas. Assim como na educação popular em que é utilizado o saber da comunidade como fonte importante para o ensino, foi o que busquei nas alunas em que lecionei, parti do que elas gostavam, para melhor as entende-las e posteriormente ter a chance de realizar um ensino significativo.

Em uma conversa informal com as alunas que ensinava, elas contaram que não gostam de ler, então pensei em algo que pudesse mudar isso, perguntando o que elas gostavam. Foi então que descobri que a aluna de 12 anos gostava dos filmes da saga crepúsculo, e decidi dar um livro pra ela, Crepúsculo, ela leu no decorrer do semestre o livro, sempre dizendo que adorava o livro. Já a aluna mais nova, disse que gostava de ouvir histórias sobre animais, resolvi dar a ela livros com esse tema, os retirei da internet, livros infantis como: Uma joaninha diferente, da autora Regina Célia Melo, entre outros que tivessem histórias importantes para uma reflexão sobre preconceito social.

Em fim no dia 13 de julho de 2013 chegou o dia da galinhada, proposta por alunos da UnB para uma maior interação com o povo da cidade de Santa Maria, com a intenção que eles conhecessem melhor a associação. Foi um dia em que todos os GTs participaram de atividades em conjunto, houve momentos de descontração, com brincadeira de danças das cadeiras.

As alunas que dei aula me chamavam todo momento, para vê-las dançando as músicas da cantora Anita. Neste sábado o grupo da UnB ficou na associação no período da manhã e da tarde. Foi um momento de interação entre eu e minhas alunas, houve um sentimento de reciprocidade. Destaco que durante todo o projeto as alunas ao qual dei aula não faltaram nenhum encontro. Apesar de não mais fazer parte do projeto, ainda mantenho contato com as alunas.

O que a educação popular ajudou de fato nas aulas dadas na comunidade, foi porque busquei, assim como ela valorizar os sujeitos sociais durante as aulas, conversei com as meninas que lecionava, e seus colegas que também participavam de atividades desenvolvidas na associação, para a construção de um lugar de educação em que houvesse respeito e afeto entre os seus membros.

2.5 RESULTADOS OBTIDOS E ANÁLISE DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

Ao longo do trabalho desenvolvido na AASM foi possível notar resultados deste trabalho, pode-se citar como exemplo uma maior união entre os participantes

da associação. Não só os alunos da UnB contribuíram para que acontecessem as aulas, mas também a própria comunidade.

Como ponto positivo, é importante dizer que houve no primeiro momento na associação um número grande de procura da comunidade pelas oficinas de reciclagem e que todas foram desenvolvidas. Como ponto negativo pode se dizer que ao longo do semestre a procura pelas oficinas diminuiu, havendo pouca participação da comunidade nas ações.

O lado positivo nas aulas de reforço foram que as alunas não faltaram em nenhuma aula e participaram das atividades reflexivas propostas, proporcionando uma solidariedade durante o trabalho. Como negativo destaca-se o tempo nas manhãs, eles eram curtos para desenvolver muita coisa, comprometendo o andamento das atividades com as alunas.

Em suas ações a comunidade integra a economia solidária a educação popular, com práticas de valorização do sujeito. O que se fez presente ao longo do trabalho foi a figura dos estudantes da UnB, em conjunto aos moradores e participantes da associação possibilitando através de diálogos, a busca de objetivos comuns.

Os temas que deram norte ao desenvolvimento das ações na comunidade foram de extrema relevância para uma construção de uma educação em que houvesse valorização de seus atores. Assim segundo Arroyo e Schuch:

Economia popular e solidária é aquela que acrescenta o desafio de, também como fator de desenvolvimento, ser germinada, brotada de dentro para fora, de baixo para cima, aberta para o mundo, mas com identidade própria, que possa estabelecer um diálogo em que o eixo é o equilíbrio, a distribuição, a justiça. É a economia que se estabelece a partir da associação, da cooperação, da comunhão, tanto entre indivíduos para a constituição de empreendimentos coletivos como entre empreendimentos para obter saldos de competitividade, em estruturas em rede que também podem ser compreendidas como empreendimentos coletivos. Então começa a se difundir, a se misturar com outros valores com os quais a economia atual não dialoga. A Economia popular e solidária, para ser sustentável, tem também que se propor a ser avaliada pelos indicadores sociais. Não se pode avaliar o sucesso da economia

apenas pelo PIB, ou pelo saldo da balança comercial, é necessário avaliá lá também pelo número de meninos na rua, pelo grau de escolaridade da população, pela expectativa de vida. (ARROYO; SCHUCH, 2006, p.63).

As ações desenvolvidas na comunidade apesar de não apresentarem grande número de participantes foram relevantes para a construção da solidariedade entre seus membros, com a busca de uma aproximação entre os que se fizeram presentes na associação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da proposição de que a Educação Popular e a Economia Solidária são importantes para uma educação mais humanizadora e solidária, concluir-se que as ações educativas na comunidade só foram possíveis serem construídas a partir das reflexões sobre estes temas, como auxiliares do desenvolvimento das atividades na comunidade, é medida que se impõe.

Com efeito, no ambiente de associação, o professor pode desenvolver diferentes atividades, desde que busque nestas a solidariedade, e a autonomia, para que os participantes na comunidade não fiquem dependentes de ações assistencialistas e sim, busquem junto aos próprios participantes da comunidade, desenvolver-se.

O trabalho trouxe as percepções de ES e EP, importantes aliados para a educação, e para o trabalho em comunidades, tendo o pesquisador a tarefa de união da teoria a ações, utilizando-se dos conceitos como direcionamento para a construção de atividades na AASM.

As concepções trazidas no trabalho sobre autonomia, da obra de Freire, contribuíram para um entendimento apropriado acerca da necessidade dos preceptores buscarem serem menos autoritários, valorizando o alunado, respeitando seus gostos, para assim poder ajudá-lo de maneira efetiva. O professor deve saber tomar decisões, mas que sejam proveitosas para as partes no processo de construção de uma educação solidária através do convívio com o próximo.

Por meio das vivências pude observar que a educação vai muito além das fronteiras da escola, ela é para a vida. As pessoas devem buscar aprender umas com as outras, atividades que as façam crescer juntas, na busca de uma sociedade mais justa, que não mais oprima ninguém.

Contudo, nota-se que o trabalho desenvolvido na associação, está à distância de ser consolidado. Há ainda, muito a ser feito. As atividades se desenvolvem em ambiente de grande complexidade, mesmo assim, as ações levadas a efeito na

associação foram significativas, no que diz respeito aos sujeitos que realmente buscaram se apropriar da teoria para criar as ações no agrupamento, permitindo assim, por acreditarem, que o trabalho fosse consolidado.

A produção apresentou reflexões sobre ações desenvolvidas na AASM. Buscou pensar a respeito de uma teoria que auxiliasse a prática na associação, procurando desenvolver atividades importantes para pessoas que convivem na comunidade, de modo a que estas possam atuar por si mesmas, de modo a que busquem conhecer melhor os conceitos de ES e EP como importantes guias para que os sujeitos possam significar suas práticas.

PARTE III: PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

BUSCAR UMA EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA QUE PREZE POR QUALIDADE

BUSCAR UMA EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA QUE PREZE POR QUALIDADE

Ao longo de meu curso pude conhecer realidades diferentes, no âmbito acadêmico as pesquisas foram voltadas em escolas, que apresentavam em sua grande parte métodos tradicionais de ensino, que não ajudavam desenvolver nas crianças a capacidade de serem solidários, para a construção de uma educação que seja significativa tanto para docentes, como para discentes.

Assim busco uma educação de qualidade em que o professor tem a tarefa de se comprometer nas atividades em que propõem para seu aluno, sempre buscando o conhecer melhor. Assim desejo junto à educação transformar realidades. Entendendo meu educando como uma pessoa detentora de experiências e conhecimentos que devem ser relevados e respeitados.

Apreendi com minhas vivências na AASM, que com o outro posso fazer muito mais, mudar realidades, emancipar desfavorecidos, que através da educação podemos construir novas realidades, tornar os sujeitos mais unidos, para a construção de um mundo melhor.

Pretendo, portanto trabalhar em ambientes escolares e não escolares, procurando sempre uma educação que não seja conteudista, mas sim que tenha valor para todos que fizerem parte do ambiente educativo.

O futuro é incerto, não sei se mudarei de ideia quanto a minha carreira, mas o que eu gosto no fim é de ser humana, de ser gente, que segundo Freire:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento da nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (1996, p.23).

REFERÊNCIAS

Administração Regional de Santa Maria RA XIII, <<http://www.santamaria.df.gov.br/sobre-a-secretaria/conheca-nome-ra-ra-xix.html>>. Acesso em 04 de abril de 2014.

ARROYO, João Cláudio Tupinambá; SCHUCH, Flávio Camargo. Economia Popular e Solidária: A alavanca para um desenvolvimento sustentável. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

Blog da Associação Atlética de Santa Maria. Disponível em: <<http://associacaoasm.blogspot.com/2011/05/historia.html>>. Acesso em 2 de abril de 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação Popular. Disponível: <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/o_que_ed_popular.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire. 2009. Disponível em: <http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000169/EdL_Cultura_Rebelde_escritos_sobre_a_educacao_popular_ontem_e_agora_Carlos_Rodrigues_Brandao_Raiane_Assumpcao.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2014.

CARVALHO, Sônia M. S. Tese de doutorado: Desafios e vínculos sociais na sociedade do trabalho contemporâneo: experiência de economia solidária no Distrito Federal e entorno. Brasília, 2008.

_____. Conferência Nacional de Economia Solidária. Texto de referência - Contextualização e Balanço Nacional. 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Ong). Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos Paulo Freire. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Política e Educação: ensaios. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir e GUTIÉRREZ, Francisco. Educação Comunitária e Economia popular. São Paulo: Cortez, 1993.

GADOTTI, Moacir. Economia Solidária como práxis pedagógica. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a educação popular. 1992, Disponível em: <http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/1_gadotti.pdf> Acesso em 23 de abril de 2014. P. 21 a 27.

GADOTTI, Moacir. Estado e Educação Popular. 1992, Disponível em: <http://pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/eja/estado_e_educacao_popular_moacir_gadotti.PDF>. Acesso em 3 de abril de 2014.

HADDAD, Sérgio (Coordenador). Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998). 2002. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2429/1/estado_arte_>. Acesso em 25 de março, 2014.

MARTINS, Paulo Henrique. Ação pública local e desafios de uma Cidadania Solidária. 2009.

FBES. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em: <<http://www.fbes.org.br/index.php>>. Acesso em 9 de março de 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como Fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ORTEGA, Antonio César; ALMEIDA FILHO, Niemeyer. Desenvolvimento territorial: Segurança alimentar e Economia Solidária. Campinas, SP, Editora Alínea, 2007.

Revista online de iniciativa do portal do professor, do MEC. Atividades Transdisciplinares de Economia Solidária. Disponível em: <<http://transdisciplinaridade.wordpress.com/2012/06/20/atividades-transdisciplinares-de-economia-solidaria/>> Acesso em 23 de março de 2014.

SILVA, Antonio. A busca do tema gerador na práxis da educação popular. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TAUILE, José Ricardo; RODRIGUES, Huberlan. Economia Solidária e Autogestão: A criação e recriação de trabalho e renda. P. 35, 43, 2004.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

APÊNDICE

GRUPO: AULA DE REFORÇO

Atividade proposta para aula de reforço

Atividade orientada para o dia: 08/06/2013

Tema: Gravidez na adolescência.

Objetivo da aula: Assistir junto à aluna da comunidade o filme Juno, e através dele discutir as implicações da gravidez na adolescência.

Conteúdo: O conteúdo encaixa-se na linha de formação humana, na construção de um ser humano que se coloque consciente e responsável por suas ações.

Duração: Aula de duração de 2 horas e meia.

Recursos: Os materiais utilizados para a aula foram um notebook e um DVD com o filme Juno.

Metodologia:

Acolhimento: Conversar primeiro com a aluna e escutá-la com atenção, explicando sobre o que o filme se trata, após isso perguntar se ela tem interesse ou não em ver o filme, pois não será assistido o filme caso não haja interesse sobre o tema.

Filme Juno: Assistir o filme de duração de 96 minutos. Após o fim proporcionar um momento de reflexão, que terá em torno de 30 minutos, onde serão explicados sobre as implicações da gravidez na adolescência. Os motivos de ocorrência da gestação por falta de prevenção dos adolescentes. A falta do apoio do pai da criança, e a responsabilidade envolvida e também falar a respeito do sofrimento por todo processo durante a gestação e pela perda da criança para a adoção, como ocorrido no filme. O docente deve buscar esclarecer o problema das situações observadas no filme.

Desenho: O restante do tempo é reservado a propor o desenvolvimento de um desenho, sobre os sentimentos, sensações que a aluna sentiu vendo o filme e da reflexão feita sobre ele.

Despedida: Realizar um agradecimento à aluna, pela colaboração na aula, abraçando ela, despedindo com carinho, mostrando consideração a ela.

Avaliação: Avalio que busquei desenvolver a aula com respeito e participação tanto da educanda como minha. Havendo durante a atividade um acompanhamento nas decisões de ambas as partes, ocorrendo uma interação grande entre a docente e a aluna que participou da aula. Esta se constitui relevante, pois trouxe temas presentes no mundo dos jovens, mas que nem sempre são trabalhados nas escolas, tão pouco em suas casas.

ANEXOS**GRUPO DE RECICLAGEM:**

Cursos Gratuitos

Atenção Comunidade de Santa Maria!

Estão abertas as inscrições para os seguintes cursos de reciclagem:

Data	Curso	Inscrição
09/06/2012	Fuxico e acessório de tecido	Até 06/06/2012
16/06/2012	Artigos para decoração	Até 13/06/2012
23/06/2012	Papel reciclado	Até 20/06/2012
30/06/2012	Carteira com caixa de leite	Até 27/06/2012

Faça sua oficina e traga o seu filho para se divertir e aprender na nossa brinquedoteca!!!

Vagas Limitadas!!!

Apoio:  UnB



ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA SANTA MARIA
 END: EQ 417/517 LOTE "E"
 SALÃO DE MÚLTIPLAS FUNÇÕES
 TEL: (61) 3394-1235
 E-mail: associacaoasm@hotmail.com

Panfleto de divulgação das oficinas – Construído pelo grupo de Reciclagem

Oficinas de Reciclagem

Ficha de Inscrição

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Nº _____

Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: _____ Celular: _____

Email: _____

Data: ____/____/____

Cursos:

 Fuxico e acessório de tecido Artigos para decoração Papel Reciclado Carteira com caixa de leite

Ficha de Inscrição

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Nº _____

Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: _____ Celular: _____

Email: _____

Data: ____/____/____

Cursos:

 Fuxico e acessório de tecido Artigos para decoração Papel Reciclado Carteira com caixa de leite

Ficha de inscrição para as oficinas: Construída pelo grupo de Reciclagem

IMAGENS CEDIDAS PELO GRUPO DE RECICLAGEM



GRUPO AULA DE REFORÇO

IMAGENS CEDIDAS PELO GRUPO DE REFORÇO





